

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINESE – UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – LINHA DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM
COMÉRCIO EXTERIOR**

CARLOS GABRIEL DAL FARRA MACHADO

**O FENÔMENO CHINA E O SEU CRESCIMENTO ECONÔMICO NOS ÚLTIMOS 20
ANOS**

CRICIÚMA

2014

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINESE – UNESC
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO – LINHA DE FORMAÇÃO ESPECÍFICA EM
COMÉRCIO EXTERIOR**

CARLOS GABRIEL DAL FARRA MACHADO

**O FENÔMENO CHINA E O SEU CRESCIMENTO ECONÔMICO NOS ÚLTIMOS 20
ANOS**

Monografia apresentada para a obtenção do grau de Bacharel em Administração, no Curso de Administração Linha de Formação Específica em Comércio Exterior na Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Orientador: Prof. Joelcy José Sá Lanzarine.

CRICIÚMA

2014

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Luiz Carlos Machado e Maria Eleusa Dal Farra, por me proporcionarem todo o apoio fundamental para a conclusão deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais pelo apoio que proporcionaram, não só nesses quatro anos de graduação como também ao longo dos momentos difíceis de toda a minha vida.

Agradeço a minha namorada Carla, por estar comigo nesse exato momento e em todas as horas que eu preciso, e que também foi de grande ajuda para a conclusão.

E agradeço aos meus colegas por todos esses quatro anos juntos de momentos tensos, entediantes e também divertidos.

“Todo mundo tem talento, é só uma questão de se mover até que você tenha descoberto qual ele é”

(George Lucas)

RESUMO

MACHADO, Carlos Gabriel Dal Farra. **O FENÔMENO CHINA E O SEU CRESCIMENTO ECONÔMICO NOS ÚLTIMOS 20 ANOS**. 2014. 75 p. Monografia do Curso de Administração com Linha de Formação Específica em Comércio Exterior da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, Criciúma, SC.

Após o fim da Guerra Fria, os EUA assumiram o papel de principal protagonista no cenário econômico mundial. Porém a partir dos anos 90 uma nova nação, que começa ali uma nova forma de abertura de mercado, começou a apresentar alguns números que impressionavam estudiosos da área, ainda mais por se uma nação autoritária e socialista. O presente estudo tem como objetivos analisar esse crescimento econômico chinês durante os últimos 20 anos, isto é, como se deu início, a sua trajetória ao longo dos anos, sua eficiência e também como outras nações podem usar desses métodos para alavancarem suas economias. A metodologia usada para os fins de investigação foi a descritiva e exploratória e o meio de investigação foi bibliográfico. O estudo feito tomou como base a coleta de dados em livros, artigos na internet e a coleta de relatórios diretamente de órgãos governamentais. A China apresentou um índice de crescimento econômico muito elevado nos últimos 20 anos, entretanto os meios que o país utilizou e ainda utiliza para fomentar a economia são contestados até hoje, principalmente pelos direitos trabalhistas e a qualidade dos produtos. Mesmo com alguns fatores indo na contramão do desenvolvimento a China e seu PIB se tornaram uma realidade, que daqui a alguns anos podem vir a ditar as regras do mercado.

Palavras-chave: Crescimento econômico. China. Desenvolvimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Evolução do PIB chinês e americano do ano de 1990 a 2012.	33
Figura 2 - Crescimento do PIB do ano de 1990 a 2012.	34
Figura 3 - Faturamento com exportações de mercadorias do ano de 1990 a 2012. .	35
Figura 4 - Crescimento da população total chinesa do ano de 1990 a 2012.	36
Figura 5 - Número de alunos matriculados no ensino médio do ano de 1990 a 2012.	37
Figura 6 - Demonstração da taxa de desemprego na China do no de 1991 a 2012.	38
Figura 7 - Expectativa de vida na China nos anos de 1990 a 2012.	39
Figura 8 - Gráfico mostrando o custo por contêiner para exportar mercadorias da China para outras nações do ano de 2005 a 2012.	40
Figura 9 - Gráfico mostrando o custo por contêiner para importar mercadorias para a China vindo de outras nações do ano de 2005 a 2012.	41
Figura 10 - Gráfico dos assinantes de serviço de Internet de banda larga fixa na China do ano de 1998 a 2012.	42
Figura 11 - Gráfico demonstrando a porcentagem da população total chinesa que vive no meio rural do ano de 1990 a 2012.	43
Figura 12 - Gráfico demonstrando a porcentagem da população total chinesa que vive no meio urbano do ano de 1990 a 2012.	44
Figura 13 - Gráfico comparativo entre Brasil e China das exportações de alta tecnologia do ano de 1992 a 2012.	46

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Comparativo EUA e China	8
Tabela 2 - Principais mercadorias da pauta de exportação brasileira para a China, em 2002	23
Tabela 3 - Ranking dos 10 países com maiores reservas de moeda estrangeira e ouro.	27
Tabela 4 - Evolução do PIB chinês do ano de 1990 a 2012.....	32
Tabela 5 - Evolução do PIB dos EUA do ano de 1990 a 2012.	32
Tabela 6 - Taxa de crescimento do anual do PIB.....	33
Tabela 7 - Exportações de mercadorias chinesas do ano de 1990 a 2012.....	34
Tabela 8 - População total da China do ano de 1990 a 2012.....	36
Tabela 9 - Número de alunos matriculados no ensino médio do ano de 1990 a 2012.	37
Tabela 10 - Taxa de desemprego na China do ano de 1991 a 2012.	38
Tabela 11 - Expectativa de vida na China do ano de 1990 a 2012.	38
Tabela 12 - Custo por contêiner para exportar mercadorias da China para outras nações do ano de 2005 a 2012.	39
Tabela 13 - Custo por contêiner para importar mercadorias para a China vindo de outras nações do ano de 2005 a 2012.	40
Tabela 14 - Assinantes de serviço de Internet de banda larga fixa na China do ano de 1998 a 2012	41
Tabela 15 - Porcentagem da população total chinesa que vive no meio rural do ano de 1990 a 2012.	42
Tabela 16 - Porcentagem da população total chinesa que vive no meio urbano do ano de 1990 a 2012.	44

Tabela 17 - China: Exportações de alta tecnologia do ano de 1992 a 2012.45

Tabela 18 - Brasil: Exportações de alta tecnologia do ano de 1992 a 2012.....45

SUMARIO

1 INTRODUÇÃO	8
1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA	8
1.2 OBJETIVOS	9
1.2.1 Objetivo Geral	9
1.2.2 Objetivos Específicos	9
1.3 JUSTIFICATIVA	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS, O MERCADO CHINÊS E O SEU DESENVOLVIMENTO.	12
2.1.1 Deng Xiaoping e a Revolução na China	12
2.1.2 OMC e o comércio com outros países	13
2.2 CRESCIMENTO x DESENVOLVIMENTO	15
2.3 CAUSAS DO CRESCIMENTO	17
2.3.1 A questão da pirataria e da falsificação no âmbito do comércio chinês...	20
2.4 RELAÇÃO COMERCIAL DA CHINA COM O BRASIL	21
2.4.1 Confronto nas exportações	21
2.4.2 Parceria comercial Brasil x China	22
2.5 A CHINA E SUAS RESERVAS CAMBIAIS	26
2.6 A QUESTÃO DA INFLAÇÃO.....	27
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	29
3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	29
3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO ALVO.....	31

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS	31
3.4 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS	32
4 CONCLUSÃO	47
REFERÊNCIAS.....	49

1 INTRODUÇÃO

1.1 SITUAÇÃO PROBLEMA

Com o fim da Guerra Fria o poder dos Estados Unidos teve um grande crescimento pelos lados político, militar e econômico. Naquela época este domínio só não foi total no plano econômico, pois ao sudeste asiático emergia uma nova potência produtiva, liderada a princípio pelo Japão e posteriormente pela China (POCHMANN, 2013).

Ainda segundo Pochmann (2013), na década de 2000 a China deixou de ser um fenômeno apenas na Ásia, para ganhar o resto do mundo. Tendo como exemplo a Inglaterra, na época da revolução industrial, passou a importar equipamentos da Europa e de outros países asiáticos mais desenvolvidos, assumindo, assim, o posto de principal produtor e exportador de manufaturas.

Tendo em vista esses dados apresentados, nota-se que a China é responsável por uma parcela significativa no atual cenário econômico em que o mundo se encontra hoje em dia, isso se deve a uma abertura de mercado e a implantação de práticas capitalistas no seu desenvolvimento econômico, mesmo o país sendo uma república socialista.

Com a crise financeira de 2008 afetando a economia americana drasticamente e também a outros países, a China se aproveitou dessa situação e assumiu o posto de segunda maior economia do mundo, com os Estados Unidos no topo deste ranking e como grande potência mundial.

Tabela 1- Comparativo EUA e China

Ano	Posição	Diferença para os EUA (PIB nominal U\$\$)
1995	8 ^a	6.640.105
2000	6 ^a	8.719.761
2005	4 ^a	10.327.079
2010	2 ^a	8.741.657
2012	2 ^a	7.823.810

Fonte: FMI (2013).

Como mostra a tabela 1, desde o início da década de 2000 a China vem galgando melhores posições no ranking das maiores economias do mundo. Em 2005 apesar de conquistar uma melhor posição a diferença do PIB nominal chinês para o americano aumentou comparado aos anos anteriores, porém após a crise de 2008 a China se consolidou como a segunda maior economia mundial diminuindo a diferença de seu PIB para os Estados Unidos.

Segundo os dados do FMI, as previsões de crescimento econômico para o futuro são conservadoras, isto é, sem nenhuma alteração nas duas primeiras posições do ranking, porém, é esperado que a China continue crescendo em ritmo acelerado diminuindo essa diferença no PIB para os EUA.

Considerando os dados apresentados até o presente momento, este trabalho procura tentar esclarecer os motivos que levaram a China a se tornar essa grande potência econômica que hoje, paralelamente aos EUA, lideram os principais setores econômicos.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Analisar o crescimento econômico da China nos últimos 20 anos.

1.2.2 Objetivos Específicos

- a) Descobrir qual o fator preponderante para esse crescimento econômico chinês.
- b) Verificar o quanto eficiente é o seu processo de internacionalização
- c) Demonstrar quais são os exemplos da economia chinesa que podem ser observados pelos países emergentes.

1.3 JUSTIFICATIVA

A China tornou-se a segunda maior economia do mundo, e, se continuar crescendo no mesmo ritmo acelerado como se encontra no atual momento, que por

sinal é maior do que qualquer outra grande nação pode levar apenas 20 anos para superar os Estados Unidos no posto de maior economia mundial. Ainda há especialistas que consideram os números do crescimento chinês exagerados, porém com uma taxa de crescimento do PIB de 7% a 8% ainda faria a China ser o país com a maior taxa de crescimento, tanto entre os países desenvolvidos quanto entre os países emergentes (SHENKAR, 2005).

Ainda segundo Shenkar (2005), nas indústrias onde a mão de obra é intensiva, a China é a principal força na economia mundial. As fábricas chinesas são grandes produtoras de brinquedos, bicicletas, sapatos e malas de viagem, tornando assim praticamente impossível ir a uma loja ou a um supermercado e não observar, expostos em suas gôndolas, um produto feito na China. Porém o país não se contenta em ser líder na manufatura de produtos baratos e de baixo valor tecnológico. Os chineses produzem uma quantidade significativa para o mundo de produtos como televisores, máquinas de lavar roupa, fornos de micro-ondas e refrigeradores. Com isso os fabricantes de outros países passam a depender de componentes chineses ou montagem dos seus próprios produtos.

“A China tem se tornado um dos grandes destaques no cenário econômico global nos últimos anos em virtude de suas expressivas taxas de crescimento e de seu peso crescente no comércio internacional” (LIBÂNIO, 2012, p. 261).

Apesar de ser um país emergente percebe-se, pelos dados apresentados, que vale a pena um estudo aprofundado sobre tal crescimento econômico. Desta forma conclui-se que o tema é de extrema relevância para um trabalho acadêmico, pois o mesmo se encontra presente em diversas discussões e debates, tanto em jornais como em revistas. Essas discussões focam muito nos meios que levaram a China até esse patamar de segunda maior economia mundial. Por estes motivos o assunto torna-se relevante para a universidade e seus acadêmicos, pois servirá para futuras pesquisas para quem desejar se aprofundar no assunto.

O objeto de estudo em questão também apresenta uma considerável relevância, pois os chineses são grandes parceiros comerciais do Brasil no que diz respeito tanto a importações quanto exportações.

Diante de tudo o que foi apresentado, o estudo desse crescimento econômico pode levar a um melhor entendimento dos fatos e as práticas que levaram a China a atingir esse patamar de segunda maior economia do mundo em

tão pouco tempo. Portanto vale ressaltar que este seja um momento favorável para a elaboração do projeto pelo acadêmico, pois o tema é atual e torna-se alvo de inúmeros debates, favorecendo assim as possibilidades de crescimento.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo serão apresentados conceitos e concepções relacionados ao crescimento econômico chinês e suas influências sobre o desenvolvimento do país, com o objetivo de amparar a realização dos objetivos propostos. Também poderá ser observado alguns dos motivos os quais levaram a China ao longo dos últimos 20 anos obter um progresso econômico tão agudo.

2.1 NEGOCIAÇÕES INTERNACIONAIS, O MERCADO CHINÊS E O SEU DESENVOLVIMENTO.

2.1.1 Deng Xiaoping e a Revolução na China

Em 1979, o vice-primeiro-ministro Deng Xiaoping, comandou uma revolução pacífica, mas que alterou drasticamente as estruturas econômicas e os costumes da população. Porém, no que diz respeito a educação, saúde e assistência social, que eram os pontos positivos do antigo sistema, não só foram mantidos como também aperfeiçoados (OLIVEIRA, 2004).

Deng Xiaoping não acreditava na democracia. Pelo menos demoraria muito a chegar a tanto. A China só se desenvolveria se conduzida pela única força centralizada do país, o Partido Comunista. Sem dúvida, um partido disposto a discutir, aberto, realista no plano econômico, mas cujo papel de guia não podia ser contestado. No fundo, as coisas não tinham evoluído desde que o jovem Deng aderira ao comunismo. Dramaticamente retardada por dez anos de Revolução Cultural, a China continuava sendo, aos seus olhos, um país imenso, pobre, subdesenvolvido que precisava “ser parido a fórceps” (KAUFFER, 2013).

Em 2000, após manter essa ininterrupta expansão registrada desde a abertura decretada por Deng, o PIB chinês elevou-se 8,2%. O comércio exterior continuou crescendo expressivamente, o que foi impulsionado pela maciça entrada de investimentos externos na economia do país. As exportações chinesas chegaram a US\$ 249,2 bilhões, o que representa um aumento de 27,8%, acarretando no melhor índice internacional (OLIVEIRA, 2004).

2.1.2 OMC e o comércio com outros países

Uma das razões da liderança chinesa no mercado se apresenta na relação do país com os EUA, que possui um déficit comercial em relação à China. Como as empresas norte-americanas e europeias implantam suas fábricas na China, as vendas de todas elas para os Estados Unidos passam a constituir exportações chinesas. Ao fim desse processo a relação comercial China/EUA registra um crescente superávit comercial (SHENKAR, 2005).

Ainda segundo Shenkar (2005), empresas que tinham receio de instalar suas unidades de produção para a China, em função dos acordos com sindicatos de trabalhadores, ou temendo um boicote dos consumidores, já concluíram que não há outra opção a não ser a transferência, isso se quiserem continuar sendo competitivos no mercado. Consultores que observam as mudanças a fim de dar suporte essas operações de transferência, descobrem que a China, a exemplo de outros países com baixo custo de vida, torna-se uma boa base de apoio de operações no exterior.

Após o ingresso da China na OMC, não houve consenso nos potenciais ganhos ou nas perdas que o país poderia obter. A China poderá ganhar em setores da economia como o de vestuário e de automóveis, já o setor financeiro é uma das áreas que possui as maiores perdas potenciais em relação aos ganhos. Porém, se a China com os custos a curto prazo, consequentes da adesão, o resultado final poderá vir a ser positivo (DIAS, 2004).

Com total abertura da área de serviços, decorrente do compromisso com a OMC, o turismo e seus inúmeros desdobramentos (transporte, hotelaria, telecomunicações, comércio varejista, etc.) passaram a oferecer inesgotáveis possibilidades de negócios. Bem antes da previsão da Organização Mundial de Turismo, talvez ainda em 2005, a China poderá assumir a liderança do setor, superando a França. Neste ano, o número de turistas exclusivamente estrangeiros entrados no país deverá superar o total de 11 milhões registrado no exercício anterior e que rendeu US\$ 17,5 bilhões. Estimulando o turismo, a rede de (11) cassinos instalada em Macau será ampliada e modernizada, quebrando-se o monopólio do magnata chinês Stanley Ho. Este ano, a arrecadação proveniente dos cassinos – toda ela empregada na educação – somará cerca de 1 bilhão de dólares (OLIVEIRA, 2004, p. 64).

Atualmente a China é um dos líderes em linhas de produtos que são fabricados em massa nas Américas e na Europa, como eletrodomésticos. Na

próxima fase, as fabricas serão terceirizadas por inteiro, com a empresa estrangeira mantendo a supervisão, marca e marketing. Porém, ao exportarem de volta para os seus próprios países, essas empresas de países desenvolvidos, deverão enfrentar concorrência de produtores chineses que exportam suas próprias marcas. Em dados de 2005, a China já produzia 8% das exportações globais de mercadorias, um aumento considerável, já que em 1996 esse índice não chegava a 3% (SHENKAR, 2005).

Ainda segundo Shenkar (2005), a transferência das indústrias manufatureiras para a china é paralelamente impulsionada pelos progressos ocorridos nas cadeias de suprimentos globais. Com o aperfeiçoamento da tecnologia e da eficiência gerencial, os custos da logística vêm apresentando constantes quedas, e em alguns casos esses custos diminuíram cerca de dois terços do preço que era cobrado a uma ou duas décadas atrás. Economizando nos gastos com logística, os custos da importação de produtos acabados e componentes que circulam entre a China e os Estados Unidos, também acabam tendo os seus custos reduzidos. Essas economias também são notadas pela redução do tempo de acabamento das mercadorias, uma variável crucial em artigos customizados como móveis.

O governo chinês percebeu que era impossível manter em alta o desenvolvimento do país, que era amparado basicamente pelo comercio exterior, tendo portos antigos e obsoletos, não só em relação aos equipamentos, mas também relacionado a estrutura e aos serviços que os portos prestavam. Em 1992, o aumento da capacidade dos portos deveria ter sido de 54 milhões/t, porém essa capacidade foi de apenas 32 milhões/t (OLIVEIRA, 2004).

Ainda segundo Oliveira (2004), para solucionar o problema da falta de recursos para a modernização do setor portuário, o governo procurou capitais externos para as obras e reequipamento necessários. Para isso, além de empréstimos e financiamentos oficiais, também foram realizados pesados investimentos privados, em particular de empresas japonesas e americanas. Ainda com o foco na modernização do sistema portuário, em 1990 foram criadas 13 Zonas Francas, em face dessas facilidades é grande o interesse de empresas estrangeiras, que já aplicaram mais de US\$ 3 bilhões nessas áreas e continuam a fazer novos investimentos.

Com efeito, desde a liberalização de seu mercado, a participação da China nas importações agroindustriais mundiais aumentou de forma expressiva, mas para um conjunto específico de mercadorias: soja em grãos, algodão em pluma, borrachas, couro bovino e mandioca seca. Produtos tipicamente agroalimentares, como milho, açúcar, carne bovina e de aves, mantiveram a sua participação em relação às importações mundiais abaixo de 10%, com variações pouco significativas e até decréscimos. Ademais, no caso do trigo, verifica-se um movimento de redução das importações, expresso por taxas negativas de variação das importações. Embora venha implementando mudanças no regime de licenciamento de importações desde a sua adesão à OMC, o país ainda faz uso de quotas tarifárias de importação para trigo, milho e açúcar, mercadorias cuja produção é controlada pelo governo chinês. No caso das carnes, tarifas têm sido adotadas como medidas contra a competição de outros países (Santos; Batalha; Pinho, 2012 p. 349).

No ritmo veloz em que se desenvolve a economia de mercado da China, especialmente nos grandes centros, como Xangai, a maior cidade do país, não seria preciso nem a metade do século estipulado no acordo para que o sistema econômico de Hong Kong estenda-se a todo o território chinês. Assim, tendo cumprido satisfatoriamente a sua finalidade, encerrará o ciclo da excelente ideia de Deng, de “um país com dois sistemas” (OLIVEIRA, 2004).

A ascensão da China a condição de potência econômica global já é uma realidade que interage decisivamente com as perspectivas da economia brasileira. Desde meados de 2004 o Brasil vem experimentando um processo singular de desempenho quando se toma em perspectiva a trajetória de desenvolvimento do período do pós-Segunda Grande Guerra. A aceleração do crescimento econômico veio acompanhada de inflação moderada, de melhorias nas contas públicas e na solvência externa e na importante incorporação das classes baixas na dinâmica de consumo, com a verificação de uma tendência de redução nas desigualdades distributivas. Nem mesmo a crise financeira global agravada desde 2008 foi capaz de colocar em xeque esse bom momento, ainda que o retorno dos déficits em conta corrente, as pressões inflacionárias, a insuficiência na infraestrutura física e institucional dos países, dentre outras questões, sinalizem para a existência de obstáculos não desprezíveis para a consolidação de uma dinâmica mais robusta de crescimento com inclusão social (CUNHA et al., 2011, p. 431).

2.2 CRESCIMENTO x DESENVOLVIMENTO

Promover o crescimento econômico e paralelo a isso reduzir a desigualdade social tem sido a máxima em países em desenvolvimento,

principalmente a China, que segundo dados do Pnud divulgados em 2013, reduziu seu déficit de IDH mais do que qualquer outro país no mundo (VEJA, 2014).

Como nos últimos anos a China vem se tornando o centro das atenções, pelo fato de os seus investidores viajarem mais ao exterior e fazem negócios em todas as partes do globo, a sua reforma socioeconômica é uma das questões mais discutidas hoje em dia, principalmente no que diz respeito ao seu comércio internacional. Com a ampliação da sua demanda interna, mais produtos provenientes de outros países podem entrar no mercado chinês (PORTPRAVDA, 2014).

Ao mesmo tempo em que isso acontece, a maneira como a China aperfeiçoa o seu sistema jurídico e a sua administração política, isto é, elevando as políticas de transparência e a proteção à propriedade intelectual, também torna-se uma questão de extrema importância para os investidores estrangeiros (PORTPRAVDA, 2014).

A grande mudança econômica reflete em importantes mudanças sociais que podem ocorrer no país, como a flexibilização da política de um filho único, a abertura econômica, a unificação do desenvolvimento rural e urbano e o respeito aos direitos autorais (ATDIGITAL, 2014).

No caso da mão de obra barata, as empresas estrangeiras se sentiam atraídas a utilizar a China como plataforma de produção e exportação para o mundo inteiro, e o governo chinês consentia com isso desde que houvesse a transferência de tecnologias para empresas chinesas. Sendo esse um fator muito importante para esse crescimento desenfreado, que dá pouca atenção aos impactos ambientais em detrimento do crescimento econômico, e faz grande incentivo para que a população migre para grandes cidades ao invés de incentivar o trabalho rural (ATDIGITAL, 2014).

As principais propostas de reforma econômica no país levarão paulatinamente a China de um modelo voltado para as exportações para um modelo baseado no crescimento do consumo interno, que é semelhante ao modelo adotado pelos EUA. O modelo atual já dá sinais de estar acabando, isso porque os padrões de controle ambientais estão mais rígidos e os salários vem aumentando gradativamente, aumentando assim o poder aquisitivo da população dando suporte ao que seria o futuro modelo econômico (ATDIGITAL, 2014).

2.3 CAUSAS DO CRESCIMENTO

Uma série de fatores colaboraram para esse crescimento econômico chinês, sendo que nenhum deles isoladamente foi o principal responsável, dentre eles pode-se citar os fatores geográficos, históricos políticos e econômicos. Nada se pode afirmar sobre peso e a influência que esses fatores tiveram sobre esse crescimento, porém cada um deles teve sua relevância para o desempenho da economia chinesa nos últimos 30 anos (NONNENBERG, 2010).

A China iniciou as reformas de abertura econômica no final da década de 1970, mudando de uma economia fechada e planejada para uma economia aberta e orientada pelo mercado. Desde o início da abertura comercial, a economia chinesa vem tendo uma taxa expressiva de crescimento em torno de 10 % ao ano, considerando o período de 1980 a 2006 (CUNHA; XAVIER, 2010).

Segundo Nonnenberg (2010), o início desse crescimento aconteceu no setor rural, em 1979, onde aconteceu um processo de liberalização do sistema de formação de preços. Esses preços que eram fixados pelo Governo Central, e passaram a adotar um sistema duplo. O governo fixava uma cota de produção que cada comunidade deveria entregar a um preço pré-determinado, o que acabasse como excedente dessa produção poderia ser negociada livremente no mercado. Após isso os preços foram se liberalizando aos poucos, essa mudança provocou uma alta elevação na produtividade rural, desencadeando um maior crescimento na renda e nas oportunidades de emprego.

Normalmente, os ciclos inflacionários dos últimos 30 anos na China são associados a dois fatores básicos. De um lado, o intenso processo de liberalização de preços, de outro, períodos de afrouxamento da política monetária, que permitiram expansão dos investimentos das empresas estatais (NONNENBERG, 2010, p. 207).

Em meados de 1980, a China representava cerca de 1% das exportações mundiais, já em 2008, atingiram uma participação de 8,9%. A partir do início dos anos de 1990, a China se tornou os país em desenvolvimento que mais recebeu investimento direto externo. A China se tornou uma fonte de investimentos, e vem impondo uma crescente pressão competitiva sobre as economias industrializadas e em desenvolvimento. A sua demanda por matéria-prima e energia, tem uma grande parcela na distribuição mundial da oferta e dos preços, causando impactos distintos sobre outros países, produtores e consumidores (CUNHA et al., 2011).

Uma decisão tomada no início de 1992 teve um especial significado nesse surto explosivo de crescimento. Após o declínio do socialismo na Europa Central e na União Soviética, as lideranças chinesas perceberam que a única opção era uma aceleração das reformas e do alargamento da abertura do comércio exterior e ao investimento externo. Em movimento ousado para os padrões do dogmatismo socialista, resolveu-se adotar e perseguir o quase paradoxal conceito de “economia socialista de mercado” (OLIVEIRA, 2004).

Ainda segundo Oliveira (2004), essa inusitada forma de “economia socialista de mercado” novos setores e novas regiões se abrem ao capital estrangeiro. Essa abertura incide no interior do país, que passa a aceitar a presença externa em campos como serviços, turismo, telecomunicações e mesmo o do comércio de bens de consumo. A China, antes dividida em pólos econômicos fragmentados e desconectados, começa a articular melhor suas partes e vai formando um mercado interno harmonioso e homogêneo, e ao mesmo tempo se integra aceleradamente na economia asiática e no comércio internacional.

Rodrik (2011), afirma que em perspectiva, os países pobres são pobres pois muito pouco dos seus recursos está em atividades modernas, de alta eficiência. Fases de progresso rápido ocorrem quando há uma rápida alteração estrutural se setores habituais de baixa produtividade para atividades inovadoras de alta produtividade. A causa pela qual essa mudança não é um processo automático, estimulado pelo mercado, é que existem profundas falhas de mercado e institucionais cujos custos são alimentados desproporcionalmente pelas áreas modernas. Por vezes a transformação é barrada em decorrência de baixa poupança doméstica e elevado custo de capital, o que acaba atrasando o investimento e a modificação estrutural. É difícil acabar com essas fragilidades no curto prazo, e o conhecimento das economias avançadas mostra que elas podem ser defrontadas ao longo de décadas, se não séculos.

Segundo Shenkar (2005), a ascensão chinesa é um divisor de águas que transformará para sempre o panorama mundial. Esse crescimento pode ser equiparado a emergência dos Estados Unidos como potência econômica, política e militar um século atrás. Se as Tendências forem mantidas, dentro de duas décadas, a China irá ultrapassar os EUA para se tornar a maior economia do mundo, em termos de paridade e poder de barganha. O país se tornará um forte competidor em

linhas de produção dependentes de tecnologia avançada, porém ainda não será o líder, e desempenhará um importante papel no topo da pirâmide desse mercado.

O que é comum às experiências do Japão, da Coréia do Sul, da China e de todas as demais estrelas do crescimento é que elas basearam suas estratégias no desenvolvimento de capacidades industriais, em vez de se especializarem de acordo com suas principais vantagens comparativas. Todas elas tornaram-se superpotências industriais em curto prazo — muito mais curto do que se poderia esperar considerando os recursos de que dispunham. A cesta de exportações da China foi criada por meio de investimentos públicos estratégicos e políticas industriais que forçaram as companhias estrangeiras a transferir tecnologia; conseqüentemente, assemelha-se a de um país três ou quatro vezes mais rico (RODRIK, 2010, p. 61).

O crescimento da importância desse país não decorre apenas do seu desempenho econômico, mas também do seu porte, como o país de maior população no planeta, e com um PIB de aproximadamente US\$ 6 trilhões em dados de 2010. Também ocupa o segundo lugar em volume de transações internacionais, com uma parcela de 10% do total comercializado mundialmente. Isso faz com que o crescimento chinês tem impactos distintos de outras experiências bem-sucedidas de crescimento econômico, como é o caso de alguns dos “tigres asiáticos”, na segunda metade do século XX (LIBÂNIO, 2012).

Rodrik (2010), afirma que os formuladores de política norte-americanos, apontam como principal motivo do superávit comercial chinês, a subvalorização do Yuan. Os líderes chineses temem que a valorização cambial mine a competitividade dos produtos chineses nos mercados internacionais, afete as exportações e prejudique essa ascensão econômica. A solução para esse superávit chinês seria uma combinação de expansão de gastos e valorização cambial, o que mudaria a estrutura da economia chinesa dos produtos comercializáveis para os produtos não comercializáveis. Essa mudança seria bem vinda para o equilíbrio macroeconômico da China e demais países, porém traria efeitos adversos sobre o crescimento chinês, pondo em perigo a estabilidade social e política do país.

Ainda segundo Rodrik (2010), o importante para o crescimento de nações em desenvolvimento como a China não é o tamanho do seu superávit comercial e nem o volume de suas exportações, mas a sua produção de bens comercializáveis não tradicionais, que pode expandir sem limites desde que a demanda interna por esses bens cresça simultaneamente ao seu volume de produção.

O tamanho da população chinesa teve fortes impactos sobre os custos de produção e favoreceu a existência de economias de escala na maior parte das indústrias. Hoje em dia, a China é o maior produtor mundial de televisores, com aproximadamente 83 milhões de unidades produzidas. O país também possui uma produção anual de cerca de 420 milhões de toneladas de aço bruto, um número bastante expressivo se compararmos com o Brasil que possui uma produção anual de 31 milhões de toneladas (NONNENBERG, 2010).

Sem ter sido jamais colonizada por outros países, não correndo o risco de ter perdido ou destruídos elos históricos, como ocorreu com França, Inglaterra, Estados Unidos, Brasil e muitas outras nações, pode a China mais facilmente reconstruir a sua trajetória através dos tempos. Não é de mais sublinhar que, mongóis e manchus, cujas dinastias por séculos governaram o país, são apenas duas das 56 etnias chinesas, portanto, tornou-se possível, não só apurar as origens do comércio entre as nações como a sua influência na evolução econômica da China (OLIVEIRA, 2010, p. 55).

“Países com crescimento acelerado são aqueles capazes de empreender uma transformação estrutural rápida de atividades de baixa produtividade (“tradicionais”) para atividades de alta produtividade (“modernas”)” (RODRIK, 2010).

2.3.1 A questão da pirataria e da falsificação no âmbito do comércio chinês

Shenkar (2005), fala que pirataria é a produção, distribuição ou uso não licenciado de um bem, projeto ou tecnologia por meio de fontes não autorizadas, tais como imitações de bens patenteados ou a venda de um produto a partir de um projeto alheio, sem a permissão e o pagamento de direitos aos responsáveis desse projeto. Já a falsificação vai além, por tentar fazer um produto de “fundo de quintal” se passar por original, como no caso da venda de uma camisa Lacoste de imitação.

Ainda segundo Shenkar (2005), duas em cada cinco empresas estrangeiras perdem mais de 20% de suas receitas na China. Isso para uma companhia como a P&G, totaliza US\$ 150 milhões por ano. Em algumas categorias de produtos, as falsificações já superaram os originais como líderes de mercado. Mais da metade dos produtos vendidos na China como goma de mascar, xampus, DVDs, e software de Windows XP, são “clones”. Os produtos dependentes de segurança, como os produtos farmacêuticos, também rendem muito aos fraudadores. Estima-se

que metade dos produtos farmacêuticos vendidos na China seja pirataria ou falsificação.

Na condição de líder mundial em tecnologia inovação e de maior exportador de tecnologia, os Estados Unidos constituem logicamente o parceiro comercial da China que mais sofre com suas práticas negligentes de proteção dos direitos de propriedade industrial. Analogias são frequentemente feitas com o Japão e os quatro tigres asiáticos, que começaram sua expansão ignorando a proteção dos DPIs mas com o passar do tempo passaram a fazer cumpri-los, ainda que as violações desses direitos persistam na China, em uma escala bem superior, além de toleradas, seguidamente apoiadas e protegidas, pelos poderosos interesses locais. À medida que a China alcança novos degraus na escalada tecnológica, sustenta o argumento dos otimistas, passa a ser cada vez mais interessante, para os próprios chineses proporcionar tal proteção. Afinal de contas, no século XIX os Estados Unidos foram os maiores violadores dos direitos de propriedade intelectual, como Charles Dickens, entre outros, aprendeu com grande prejuízo. A diferença é que, nos dias atuais, a fatia de pesquisa e desenvolvimento no custo dos produtos é muito maior, e que produtos de copyright exigem mais recursos econômicos. Além disso, em uma economia globalizada, produtos piratas e falsificados encontram caminhos para seus múltiplos mercados. E, o que é ainda pior, a tendência recente aponta para um aumento, em vez da diminuição, dos índices destas violações (SHENKAR, 2005, p. 29).

Também existe outro ponto, que além das grandes margens de lucros que a pirataria e falsificações provem, atraem cada vez mais grupos mafiosos internacionais, sendo que já existem indícios de redes internacionais de terroristas que vêm nessas atividades fraudulentas uma forma de enriquecer suas operações (SHENKAR, 2005).

2.4 RELAÇÃO COMERCIAL DA CHINA COM O BRASIL

2.4.1 Confronto nas exportações

No ano de 1994 o departamento de comércio dos Estados Unidos formulou a expressão “grandes mercados emergentes” para rotular os dez países do bloco de países em desenvolvimento, que teriam condições de expandir a sua economia e alcançar a maior parte do comércio mundial. Dentre esses países Brasil e China figuravam no topo dessa lista, tornando interessante o confronto de crescimento entre essas duas potências mundiais no decorrer dos últimos vinte

anos. Em 1980 quando se deram início as reformas chinesas, as suas vendas externas alcançavam um patamar de apenas US\$ 18 bilhões, enquanto que as exportações brasileiras já alcançavam US\$ 20 bilhões (OLIVEIRA, 1999).

Em 1988, após um período de dez anos da vitoriosa política de exportação, a China havia superado o Brasil nos principais indicadores econômicos. Nesse período, o PIB subiu ao nono lugar na escala mundial, enquanto o Brasil ficava em décimo. As exportações estavam em alta, chegando a casa de US\$ 47,5 bilhões, 35 % acima das brasileiras, que acumulavam um total de US\$ 33 bilhões. O povo chinês obteve um aumento substancial na renda per capita, e passou a dispor de centenas de milhares de novos empregos (OLIVEIRA, 1999).

2.4.2 Parceria comercial Brasil x China

Em 1990 os produtos provenientes de recursos naturais, in natura ou processados representavam 53% das exportações brasileiras. Já em 2008 essa proporção cresceu para 90%. No ano de 2000, a China representava para o comércio exterior brasileiro 2% do total de importações e exportações. Desde então o ritmo de expansão do comércio entre os dois países foi mais intenso do que o verificado no conjunto das negociações internacionais brasileiras (CUNHA et al., 2011).

Assim, não se está assumindo aqui que, *a priori*, a ascensão chinesa represente um bem ou um mal em si, mas sim que há claras vantagens e riscos que se colocam na trajetória das economias latino-americanas em geral e brasileira em particular, cujos desdobramentos dependem muito mais das estratégias locais de desenvolvimento do que do posicionamento chinês no mundo. Conforme se argumenta ao longo deste trabalho, parece estar claro: a China percebe em países como o Brasil fontes para suprimento de recursos naturais e mercados de absorção de suas exportações de manufaturas. Se deixada ao sabor dessas circunstâncias, a tendência predominante poderá ser a de uma regressão produtiva e institucional, com a China ascendendo ao centro e o Brasil, com os demais países da região, cristalizados na renovada periferia global do século XXI (CUNHA et al., 2011).

Brasil e China chamaram atenção para os desafios que os países que estão buscando se desenvolver enfrentam diante da globalização econômica, e diante disso ratificaram a importância de se consolidar o sistema do comércio multilateral em bases igualitárias. Esses dois países consideram que uma nova

rodada de negociações comerciais multilaterais exercerá um papel importante no progresso do desenvolvimento global, especialmente para os países em expansão, cujos receios devem ser pontos prioritários a serem solucionados nas negociações (OLIVEIRA, 2004).

No ano de 2009, a China tornou-se o principal parceiro comercial do Brasil, com um fluxo de comércio de 36,1 bilhões de dólares. Com isso a China se tornou o maior destino das exportações brasileiras, totalizando um valor de 20,1 bilhões de dólares ou mais de 13,1% do total exportado, já em contrapartida, apenas 1,3% das exportações chinesas tem como destino o Brasil. A importância chinesa aumentou quando Taiwan, Hong Kong e Macau, se uniram real e formalmente ao país, pois segundo o MDIC a corrente comercial brasileira recebeu um acréscimo de 6 bilhões de dólares (PAUTASSO, 2010).

Ainda segundo Pautasso (2010), no ano de 2002, tornou-se ainda mais evidente a tendência de aumento da participação chinesa no comércio exterior brasileiro, ano em que a China substituiu o Japão como o principal destino das exportações brasileiras no continente Asiático. Com exceção ao período de 1996 a 2000, no geral, o Brasil vem tendo superávits no comércio com a China. Para se ter uma ideia, somente em 2009, o superávit brasileiro foi de 4,1 bilhões de dólares com o país oriental.

Na tabela número 2 nos são apresentados os principais produtos que compuseram as exportações brasileira para a china no ano de 2002, que como foi citado anteriormente, foi o ano em que ficou evidenciado o aumento da participação chinesa no comércio exterior brasileiro.

Tabela 2 - Principais mercadorias da pauta de exportação brasileira para a China, em 2002

NCM – DESCRIÇÃO	US\$ mil FOB	PART. (%)
12- Sementes e frutos oleaginosos.	822.595	32,81
1201- Soja, mesmo triturada.	822.363	32,80
26 – Minérios.	605.397	24,15
2601 - Minérios de ferro e seus concentrados	593.608	23,68
72 – Ferro fundido, ferro e aço	139.495	5,56
7209 – Laminados planos de ferro ou aços não ligados.	41.928	1,67
7207 - Semimanufaturados de ferro ou aços não ligados.	23.285	0,93
7210 – Laminados planos de ferro ou aços não ligados	20.525	0,82

7219 – Laminados planos de aços inoxidáveis Continuação.	16.979	0,68
NCM – DESCRIÇÃO	US\$ mil FOB	PART. (%)
7202 – Ferroligas	16.315	0,65
15 – Gorduras, óleos e ceras de origem animal ou vegetal	125.756	5,02
1507 - Óleo de soja.	124.156	4,95
SUBTOTAL	1.693.244	67,53
DEMAIS	814.013	32,47
TOTAL	2.507.257	100,00

Fonte: Receita Federal (2002).

As exportações chinesas cresceram quase 11% em 1990, mais de 10% em 1991, e cerca de 15% em 1992, mostrando o quão acelerado está o comércio internacional do país. Em meados de 2004 a China desbancou o Brasil como o maior tomador de empréstimos do Banco Mundial, e até hoje é um dos principais países que recebem grande investimento externo (OLIVEIRA, 2004).

O Brasil tem se beneficiado dessa expansão econômica no cenário mundial. As exportações brasileiras passaram de US\$ 1,1 bilhão, em 2000, para US\$ 30,8 bilhões em 2010, crescendo cerca de trinta vezes ao longo dessa década. Porém alguns setores da indústria brasileira têm sido mais afetados pela concorrência com os produtos chineses, tanto pela competição no mercado nacional quanto pela ameaça aos mercados de exportação (LIBÂNIO, 2012).

Em 2001, os destaques da exportação para a China foram a soja, o minério de ferro e a celulose, seguindo-se o fumo, couros, madeiras e alguns tipos de petróleo. Significativamente, surgiram na pauta alguns produtos industrializados, de alto valor agregado, como automóveis, aviões e peças para veículos, inclusive tratores. Em contrapartida, os principais itens da importação foram o carvão, lâmpadas, aparelhos de transmissão, geradores, circuitos internos e brinquedos (OLIVEIRA, 2004, p. 88).

Com o ingresso da China na OMC, alargou-se o seu mercado importador, aumentando as oportunidades para os produtos brasileiros. Paralelo a isso, no âmbito internacional, torna-se de extrema importância e de mútuo interesse que duas das principais nações emergentes tenham um sólido relacionamento comercial, para que juntas, enfrentem os excessos e o crescente protecionismo dos países industrializados (OLIVEIRA, 2004).

De fato, confrontando a pauta das importações chinesas com a diversificada relação das exportações brasileiras, verifica-se um singular casamento de interesses. Mesmo os maiores e tradicionais

itens das exportações brasileiras para a China – minério de ferro, soja e celulose – poderão ter os embarques substancialmente aumentados mediante novo e amplo acordo comercial, já observando as reduções tarifárias concedidas pela China, decorrentes do ingresso na OMC (OLIVEIRA, 2004, p. 91).

Ainda segundo Oliveira (2004), após a assinatura de um convênio sanitário entre Brasil e China, promovido pelo ministro da Agricultura, Pratini de Moraes, criou excelentes possibilidades para o comércio de carnes, sejam elas bovinas ou de frango. Outros dois itens até então inexplorados, o café solúvel e o suco de laranja, também possuem ótimas perspectivas de penetração no mercado chinês.

A crescente relevância da China no comércio exterior do Brasil sugere um conjunto de desafios e oportunidades. Os desafios do Brasil atrelam-se à primarização das exportações brasileiras e a falta de preparo para lidar com um novo aliado como a China, tanto do ponto de vista da elaboração de políticas industriais, comerciais e tecnológicas, quanto do amadurecimento dos métodos de negociação com os chineses (PAUTASSO, 2010).

Nota-se que China e Brasil adotaram opções diversas de inserção internacional no Pós-Guerra Fria. As políticas de ICT no Brasil foram precárias durante o ciclo de liberalização da década de 1990. A abertura comercial sem contrapartidas e planejamento (ou seja, com reforço do protecionismo e apoio às indústrias nacionais nos países centrais), elevação de juros e carga tributária, valorização cambial, restrição do crédito e baixos investimentos em logística reduziram a competitividade do Brasil, dificultando as exportações e favorecendo as importações. O resultando foi uma combinação oposta à opção chinesa de inserção internacional: *o fechamento dos mercados externos e a abertura do mercado doméstico*. Assim, houve uma quase-estagnação do comércio exterior do Brasil, que passou de 96,4 para apenas 107,6 bilhões de dólares entre 1995 e 2002, sendo que o déficit acumulado foi de cerca de 24,5 bilhões no período da paridade cambial (1995-2000) (PAUTASSO, 2010, p. 26).

A consequência para a China e para as nações em expansão que se prenderam a superávits comerciais ou exportações como seus “motores do crescimento” é clara: o que de fato importa é a fabricação de bens comercializáveis. Nem as exportações nem os superávits comerciais são fundamentais, desde que a procura doméstica por bens comercializáveis possa ser amplificada paralelamente à oferta doméstica (RODRIK, 2011).

Há um estímulo no comércio bilateral Brasil-China e que, de acordo com o que a literatura sugere, essa relação tende a estabelecer a economia brasileira

como especializada no abastecimento de commodities. Tendo tais consequências como pano de fundo, procura-se progredir aqui na identificação da existência, ou não, de um padrão de maior concordância cíclica entre Brasil e China e se tal ação está ou não relacionada com o comércio internacional, reforçando o aperfeiçoamento antes identificado (CUNHA et al., 2011).

A experiência brasileira recente guarda semelhança com a de outros países que se evidenciaram por produzirem e exportarem recursos naturais, cuja procura tem sido potencializada significativamente pelo processo de rápida civilização e industrialização de potências emergentes, particularmente a China. É verdade que não se pode conferir a esse fato em particular a melhoria da performance macroeconômica recente, bem como de seus desmembramentos na esfera social. Nem mesmo parece ser coerente, para o caso brasileiro, atribuir as crescentes das exportações de commodities um status transcendente no rol dos determinantes da rapidez do crescimento do país, que parece estar bem mais baseado no fortalecimento do seu mercado interno (CUNHA et al., 2011).

2.5 A CHINA E SUAS RESERVAS CAMBIAIS

As reservas internacionais de um país ajudam-no a proteger a sua moeda de eventuais ataques, sendo que a venda das moedas estrangeiras ajuda na sustentação do valor da moeda nacional. A China permite uma flutuação de apenas 1% mais ou menos para a sua moeda o Yuan, e as suas reservas cambiais influenciam nessa taxa de flutuação (YUEH, 2013).

O banco central imprime yuan para poder comprar dólar, euro, libra e iene para assim acrescentar ainda mais as suas reservas. Porém colocando um maior número de yuan no mercado a inflação no país pode sair do controle. Para impedir o aumento no índice da inflação o banco central esteriliza as suas ações retirando a quantidade de dinheiro equivalente da economia (YUEH, 2013).

Para fazer isso a China paga juros aos bancos comerciais que deixam seu dinheiro depositado no banco central, para que assim esses bancos comerciais tenham um incentivo em deixar seu dinheiro ali. Porém esses bancos procuram obter uma maior remuneração em outros investimentos ao invés de reter todo o seu dinheiro no banco central chinês (YUEH, 2013).

Devido ao volume abundante das exportações chinesas, o país atingiu um grande acúmulo de reservas de moedas estrangeiras, que segundo dados de maio de 2013 chegaram a alcançar US\$ 3,44 trilhões. O conteúdo dessas reservas ainda é mantido em segredo pelo governo chinês, entretanto um relatório divulgado pelo *China Securities Journal*, afirma que 65% do conteúdo consistem de dólares, 26% euros, 5% libras e 3% ienes (YUEH, 2013).

Tabela 3 - Ranking dos 10 países com maiores reservas de moeda estrangeira e ouro.

País	Reservas de moedas estrangeiras e ouro (US\$)	Data da Informação
China	\$ 3.820.000.000.000,00	31 de dezembro de 2013
Japão	\$ 1.268.000.000.000,00	31 de dezembro de 2012
União Européia	\$ 863.800.000.000,00	31 de dezembro de 2011
Arábia Saudita	\$ 739.500.000.000,00	31 de dezembro de 2013
Suíça	\$ 531.100.000.000,00	31 de dezembro de 2012
Rússia	\$ 515.600.000.000,00	31 de dezembro de 2013
Taiwan	\$ 414.500.000.000,00	31 de dezembro de 2013
Brasil	\$ 378.300.000.000,00	31 de dezembro de 2013
Coreia do Sul	\$ 341.800.000.000,00	31 de dezembro de 2013
Hong Kong	\$ 309.000.000.000,00	31 de dezembro de 2013

Fonte: CIA (2013).

A tabela 3 mostra quais são os 10 primeiros países em ranking de acúmulo de reservas estrangeiras e ouro, sendo que a China possui uma larga vantagem para o segundo colocado e uma grande diferença até mesmo para a União Européia um bloco econômico com enorme influencia mundial e que abriga um conglomerado de países desenvolvidos.

O período de crescimento acelerado das reservas cambiais pode levar a um demasiado aumento nas taxas de liquidez e criar uma certa pressão de esterilização monetária, sendo que essa pressão refere-se as ações que o banco ou a reserva federal tomam para isolar-se do mercado de divisas para que os efeitos de instabilidade da moeda possam ser compensados e o valor da moeda nacional possa ser manipulado em relação a outra moeda (EPOCH TIMES, 2013).

A seguir serão apresentados os procedimentos metodológicos desse estudo bem como a análise dos dados obtidos.

2.6 A QUESTÃO DA INFLAÇÃO

A China, após muitos anos apresentando taxas de crescimento extraordinárias, começa um processo de desaceleração, isso por que a oferta de emprego e os postos de trabalho estão diminuindo a medida que os salários também sofrem redução e o custo de vida aumenta (QIAN; FANG, 2013).

Um dos motivos para esse aumento de preços é taxa de inflação chinesa que no mês de março chegou a 2,4%, e no mês de abril chega a 1,8%, fazendo assim com que esse controle da inflação abra uma possibilidade para que as autoridades chinesas realizem algumas medidas de estímulo à economia nesse momento importante de desaceleração do crescimento (EFE, 2014).

Com as preções inflacionarias modestas, o estado poderá continuar mantendo as atenções em políticas para sustentar o crescimento enquanto elaboram medidas de reformas estruturais no ano de 2014, mesmo que o banco central já tenha divulgado que irá manter uma política monetária mais prudente para esse ano (WANG; YAO, 2014).

Porém mesmo com uma taxa de inflação mais baixa sendo positiva para o consumidor, ela ainda pode significar uma demanda menor, que por sua vez seria prejudicial aos lucros e como consequência isso acarretaria em um menor aumento dos salários. Temendo que essa economia esteja perdendo força, alguns economistas vêem como bem vindas políticas de estímulos por parte do governo chinês (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2014).

3 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

Primeiramente, a metodologia segundo Rodrigues (2007), conceitua-se como um conjunto de abordagens, técnicas e processos utilizados pela ciência para elaborar e resolver problemas de aquisição objetiva do conhecimento, de uma maneira sistemática.

Após obter a elucidação da temática a ser estudada, deve-se definir quais princípios devem ser necessários e como utilizá-los, para que assim com um caminho definido, os objetivos sejam alcançados. A forma como o pesquisador utiliza os recursos disponíveis, a apresentação dos objetivos e os procedimentos para atingir as conclusões esperadas denominam-se metodologia (PARRA FILHO; SANTOS, 2000).

Portanto, a metodologia implicará na definição do tipo de pesquisa a ser realizada, no caminho a seguir, nos materiais de coleta, sistematização e a análise dos dados a serem coletados e utilizados, além de outros métodos próprios a serem usados em cada sistemática definida (VIANNA, 2001).

3.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

Com o tipo de pesquisa escolhido o investigador definirá o método a ser utilizado, sendo que dessa forma a definição do método definirá os procedimentos a serem aplicados para alcançar os objetivos propostos para a pesquisa (VIANNA, 2001).

Antes de seguir para a coleta de dados, o pesquisador precisa planejar o delineamento da pesquisa, isso representa definir que tipo de método a pesquisa empregará para conseguir testar as questões do estudo. É importante lembrar que essa escolha não é aleatória, pois depende do assunto e das hipóteses anteriormente definidas. Projetar o delineamento da pesquisa significa pautar um plano estratégico, podendo envolver a manipulação das variáveis da pesquisa ou modo de observação (BREVIDELLI; SARTÓRIO, 2010).

A seguir serão apresentados os fins e os meios em que a pesquisa será realizada. Quanto aos fins, a pesquisa será exploratória e descritiva.

A pesquisa exploratória normalmente é utilizada quando a finalidade é examinar um assunto ou problema de pesquisa pouco explorado, do qual ainda surgem muitas dúvidas a respeito desse tema, ou o mesmo não foi abordado antes. Esse tipo de pesquisa pode ser aplicado quando deseja-se pesquisar sobre algum tema ou objeto com base em novos panoramas e ampliar os estudos já existentes sobre determinada questão (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

“Os estudos exploratórios são como realizar uma viagem a um lugar desconhecido, do qual não conhecemos nada nem lemos em nenhum livro a respeito do qual possuímos uma rápida ideia oferecida por terceiros” (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006, p. 99).

Os estudos descritivos mensuram, estimam ou reúnem dados sobre diversos aspectos e perspectivas do objeto a ser estudado. Visto de um ponto de vista mais científico, descrever é coletar dados. Esse estudo coleta informações de maneira independente ou composta sobre os conceitos do fenômeno a ser estudado (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2006).

“Objetiva descrever as características de certa população ou fenômeno, ou estabelecer relações entre variáveis; envolvem técnicas de coleta de dados padronizadas (questionário, observação)” (GIL, 1994).

Este trabalho terá um fim descritivo e exploratório, pois tem como objetivo evidenciar os fatos que motivaram a China a se tornar umas das maiores economias mundiais em um curto espaço de tempo, ao mesmo tempo que esse tema é algo pouco explorado pelos pesquisadores por se tratar de um fenômeno relativamente novo nos estudos econômicos.

Quanto aos meios, a pesquisa será bibliográfica, pois a mesma se desenvolve a partir do levantamento de dados contidos em livros, revistas científicas, jornais e outros meios que possuem algum material sobre o objeto de pesquisa, para que assim possa se identificar, nos textos de diferentes autores, aspectos que possam contribuir para elucidar o tema da pesquisa, analisando-o em suas causas, consequência, relações e tudo o que for julgado conveniente e necessário (VIANNA, 2001).

Pode-se dizer que a pesquisa bibliográfica é o início de todos os demais tipos de pesquisa, pois permite explorar os vários autores e organizações que escreveram a respeito do tema estudado ou mesmo já responderam à pergunta para o problema estudado (VIANNA, 2001).

“Elaborada a partir de material já publicado, como livros, artigos, periódicos, Internet, etc” (GIL, 1994).

Segundo a definição do autor, a pesquisa ocorrerá em todos os meios bibliográficos, tendo na internet e nos artigos os seus principais aliados por se tratar de um tema que começou a ser explorado nos últimos 20 anos.

3.2 DEFINIÇÃO DA ÁREA E/OU POPULAÇÃO ALVO

“A população é composta pelo conjunto de fenômenos, indivíduos, situações que apresentam as características definidas para serem objeto de investigação” (VIANNA, 2001, p. 161).

A pesquisa tem como objetivo o estudo do crescimento econômico chinês nos últimos 20 anos, pois acredita-se que esse período é o que possui a maior relevância, aliado ao tema proposto e por se tratar de um assunto recente e recorrente, para que os dados sejam coletados e apresentados as pessoas que tem como interesse explorar mais afundo esse tema.

3.3 PLANO DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados da pesquisa será de caráter secundário, pois os dados pesquisados para a elaboração do projeto se apresentam disponíveis e explanados em publicações de diversos autores como também em tabelas, estatísticas, e outros meios que são disponibilizados pelo FMI e que foram utilizados pra a elaboração desse projeto.

O instrumento para a coleta de dados utilizados é a análise de conteúdo, pois os dados secundários serão retirados de artigos e livros, que explanam alguns motivos específicos que levaram a China a se tornar a potência econômica que é hoje em dia.

3.4 PLANO DE ANÁLISE DE DADOS

O projeto em questão utiliza uma abordagem qualitativa, considerando que não serão realizados questionários e pesquisas de campo, e sim um estudos através da apresentação de dados com um caráter descritivo, onde o autor buscará nas publicações pesquisadas apresentar os dados pertinentes ao tema, com o intuito de descrever o processo que levou a China a ser a segunda maior economia do mundo.

Os estudos realizados sobre o objeto de pesquisa demonstraram que o principal ponto a ser destacado é a taxa de crescimento do PIB anual, que em 2012 cresceu 7,8% em relação ao ano anterior (ZITAN, 2013). Pode-se ter uma idéia da importância desse numero se o mesmo for comparado ao índice de crescimento do PIB que o Brasil obteve no mesmo período de apenas 0,9% (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2013).

Tabela 4 - Evolução do PIB chinês do ano de 1990 a 2012.

ANO	PIB (US\$)
1990	\$ 356.936.900.000,00
1995	\$ 728.007.200.000,00
2000	\$ 1.198.500.000.000,00
2005	\$ 2.256.900.000.000,00
2010	\$ 5.930.500.000.000,00
2012	\$ 8.227.100.000.000,00

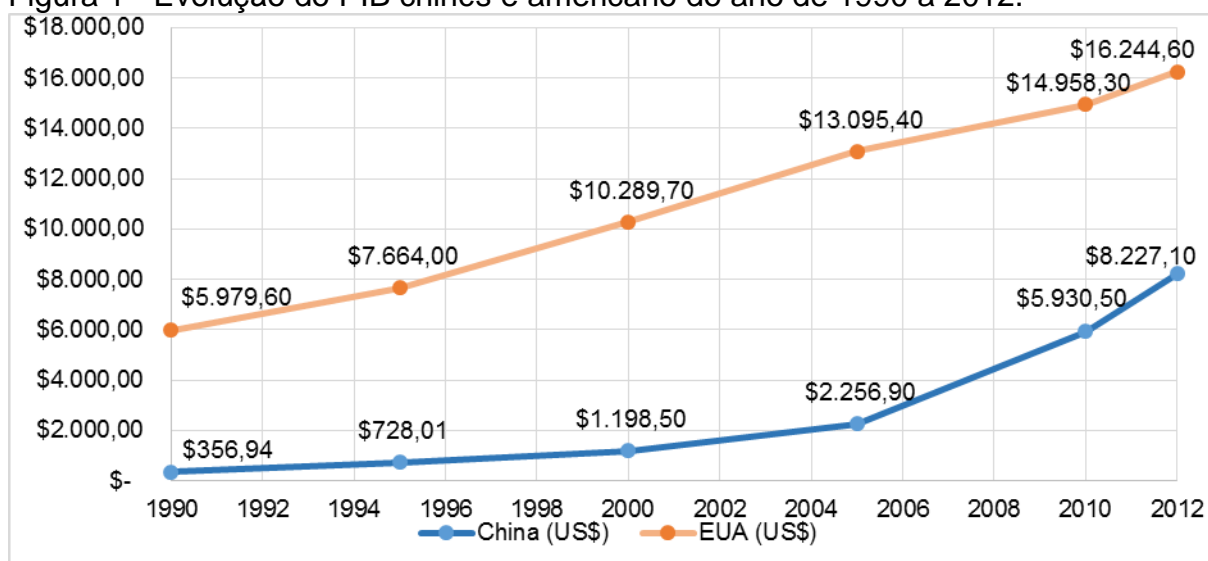
Fonte: World Bank (2013).

Tabela 5 - Evolução do PIB dos EUA do ano de 1990 a 2012.

ANO	PIB (US\$)
1990	\$ 5.979.600.000.000,00
1995	\$ 7.664.000.000.000,00
2000	\$ 10.289.700.000.000,00
2005	\$ 13.095.400.000.000,00
2010	\$ 14.958.300.000.000,00
2012	\$ 16.244.600.000.000,00

Fonte: World Bank (2013).

Figura 1 - Evolução do PIB chinês e americano do ano de 1990 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

A figura 1 demonstra o elevado crescimento do PIB chinês em um intervalo de apenas 22, e também faz uma comparação com o crescimento do PIB americano. Do ano de 1990 até o ano de 2005 o crescimento chinês aumenta normalmente conforme a expansão do mercado mundial, até que no ano de 2006 adiante ocorre um uma rápida expansão comercial e um elevado aumento das exportações que acarretam nesse crescimento elevado que no ano de 2012 chegou a US\$ 8,227 trilhões.

Comparando o PIB chinês ao americano, pode-se observar que a partir do ano 2000 a linha de crescimento americana aumenta porém mantendo uma constante de crescimento, enquanto que na linha chinesa podemos observar no mesmo período, que a diferença do PIB ainda é grande, mas cresce muito mais rápido que o americano mostrando acentuados aumentos em cada período analisado.

Tabela 6 - Taxa de crescimento do anual do PIB.

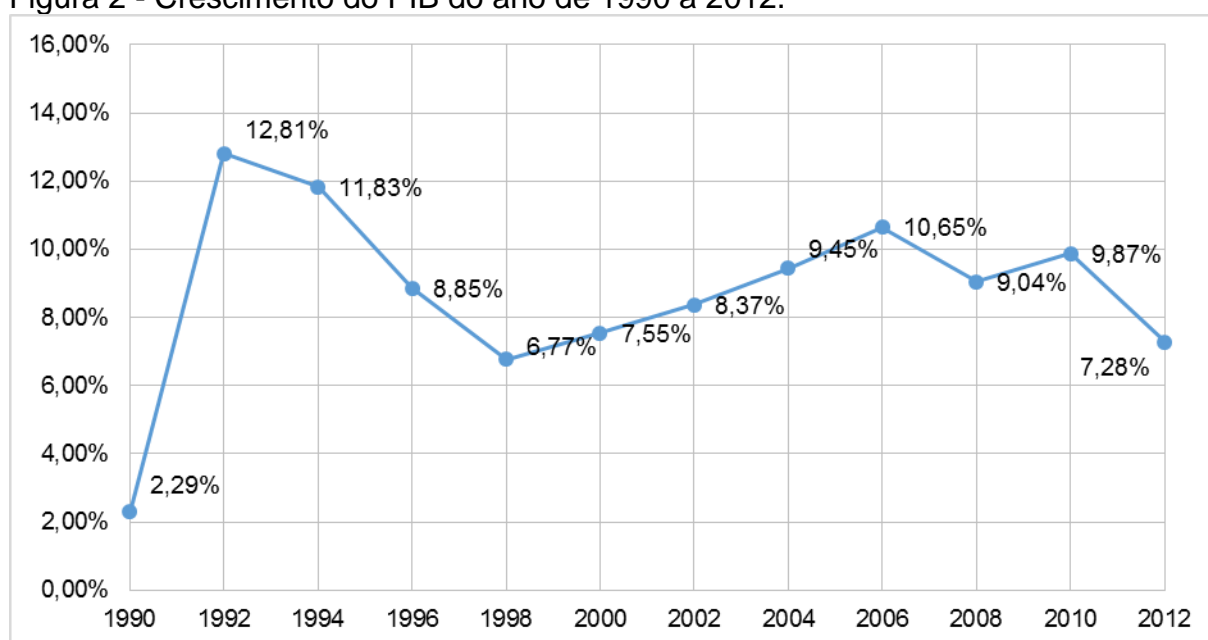
ANO	Var. PIB (%)
1990	2,29%
1992	12,81%
1994	11,83%
1996	8,85%
1998	6,77%
2000	7,55%

Continuação.

ANO	Var. PIB (%)
2002	8,37%
2004	9,45%
2006	10,65%
2008	9,04%
2010	9,87%
2012	7,28%

Fonte: World Bank (2013).

Figura 2 - Crescimento do PIB do ano de 1990 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

A figura 2 demonstra que desde 1990 a China vem crescendo aceleradamente no que diz respeito a sua economia, sendo que a partir do ano de 1998 esses índices permanecem em uma crescente até o ano de 2008 quando em meio à crise mundial o crescimento perde um pouco a sua força, que volta a ser retomada até o ano de 2010. Após o ano de 2010 ocorre uma leve desaceleração no crescimento até o ano exposto na figura 1, 2012.

Tabela 7 - Exportações de mercadorias chinesas do ano de 1990 a 2012.

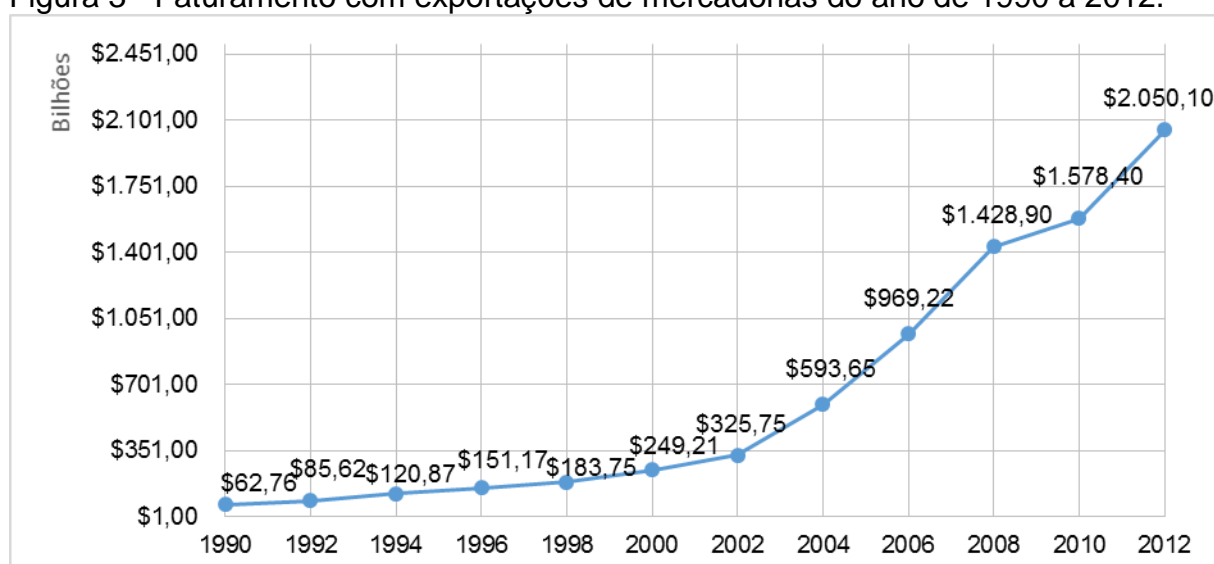
ANO	Exportações de mercadorias (US\$)
1990	\$ 62.756.100.000,00
1992	\$ 85.617.900.000,00
1994	\$ 120.866.000.000,00

Continuação.

ANO	Exportações de mercadorias (US\$)
1996	\$ 151.165.000.000,00
1998	\$ 183.749.000.000,00
2000	\$ 249.210.000.000,00
2002	\$ 325.750.000.000,00
2004	\$ 593.646.000.000,00
2006	\$ 969.219.000.000,00
2008	\$ 1.428.900.000.000,00
2010	\$ 1.578.400.000.000,00
2012	\$ 2.050.100.000.000,00

Fonte: World Bank (2013).

Figura 3 - Faturamento com exportações de mercadorias do ano de 1990 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

O gráfico exposto na figura 3 mostra o faturamento que a China obteve com suas exportações de mercadorias a partir de 1990, sendo que até o ano de 2002 essa evolução é normal, e após esse ano as exportações começam a se elevar muito rapidamente chegando em 2008 a casa de US\$ 1.428,90 trilhões e após esse ano se recuperando da crise que afetou o mundo inteiro. Porém mesmo em meio à crise as exportações de mercadorias chinesas continuaram a crescer chegando a US\$2,050,10 trilhões em 2012.

Os gráficos das ilustrações 1, 2 e 3, podem ser analisados pois cada um está atrelado ao outro, sendo que nas ilustrações 1 e 3 as linhas de crescimento são praticamente idênticas demonstrando a força que as exportações de mercadorias tiveram para o crescimento da economia chinesa, e a figura 2 mostra que esse

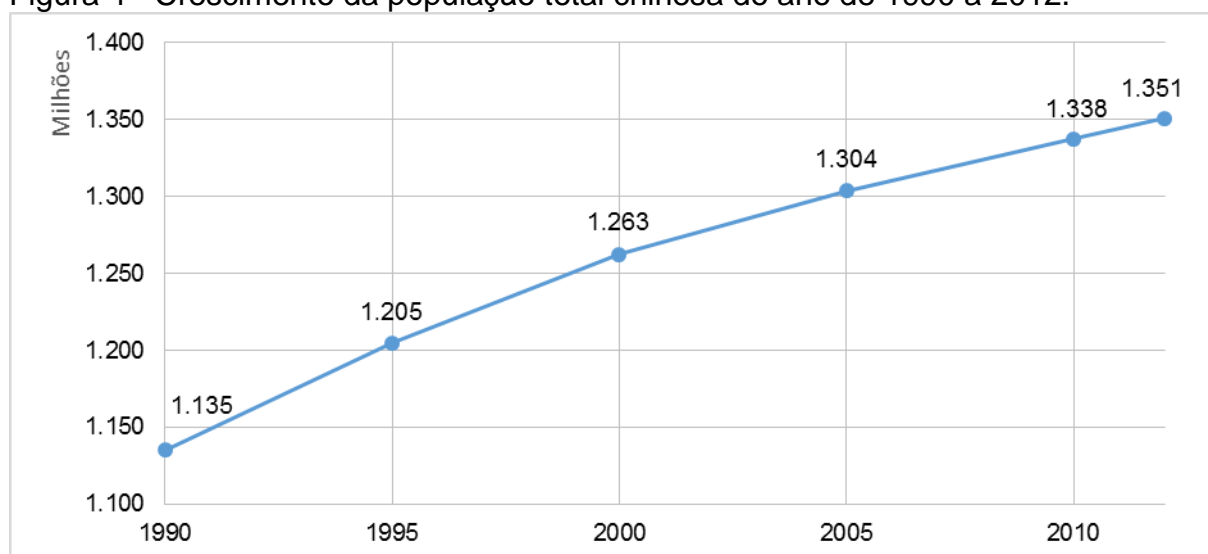
padrão de crescimento sempre esteve estabilizado a partir do ano 2000 até 2012, sofrendo algumas quedas durante esses posteriormente uma desaceleração do crescimento econômico.

Tabela 8 - População total da China do ano de 1990 a 2012.

ANO	População
1990	1.135.200.000
1995	1.204.900.000
2000	1.262.600.000
2005	1.303.700.000
2010	1.337.700.000
2012	1.350.700.000

Fonte: World Bank (2013).

Figura 4 - Crescimento da população total chinesa do ano de 1990 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

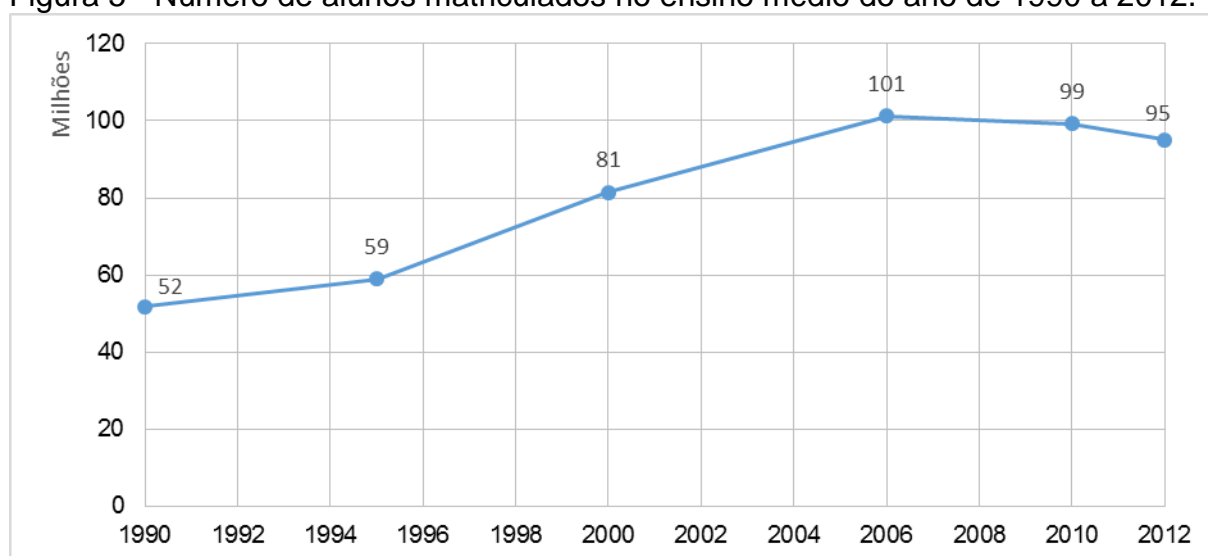
Na figura 4 pode-se observar o quão grande é a população chinesa que em 1990 era de 1,135 bilhões de pessoas e em 2012 esse número chegou a 1,351 bilhões de pessoas. Essa grande população apresenta-se como uma das respostas ao crescimento econômico, pois com o aumento do número de habitantes a oferta de mão de obra cresce na mesma proporção, barateando o seu custo.

Tabela 9 - Número de alunos matriculados no ensino médio do ano de 1990 a 2012.

ANO	Alunos matriculados no ensino médio
1990	51.799.200
1995	58.941.500
2000	81.488.000
2006	101.195.100
2010	99.218.100
2012	95.004.200

Fonte: World Bank (2013).

Figura 5 - Número de alunos matriculados no ensino médio do ano de 1990 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

A figura 5 demonstra que desde 1990 o número de alunos matriculados no ensino médio vem crescendo durante 16 anos, ocorrendo uma desaceleração após o ano de 2006. O maior crescimento observado foi no intervalo de 1995 a 2000, intervalo esse que compreende o início da expansão econômica chinesa, e obteve um aumento das matrículas em mais de 22 milhões de alunos.

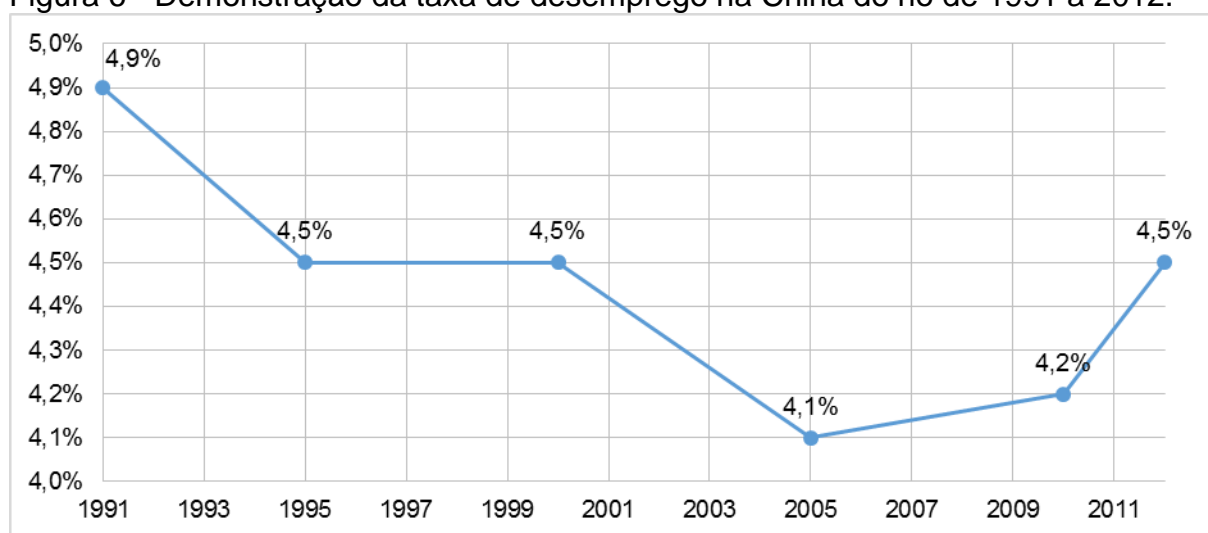
Enquanto a desaceleração das matrículas ocorridas após 2006 demonstradas na figura 5, chegam a um pouco mais de 6 milhões de alunos. Um dos motivos encontrados para essa diminuição é o aumento do número de jovens chineses que cursam o ensino médio em outros países, buscando um meio de acesso mais fácil às universidades ocidentais (QIANG, 2012).

Tabela 10 - Taxa de desemprego na China do ano de 1991 a 2012.

ANO	Taxa de desemprego (%)
1991	4,9%
1995	4,5%
2000	4,5%
2006	4,1%
2010	4,2%
2012	4,5%

Fonte: World Bank (2013).

Figura 6 - Demonstração da taxa de desemprego na China do no de 1991 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

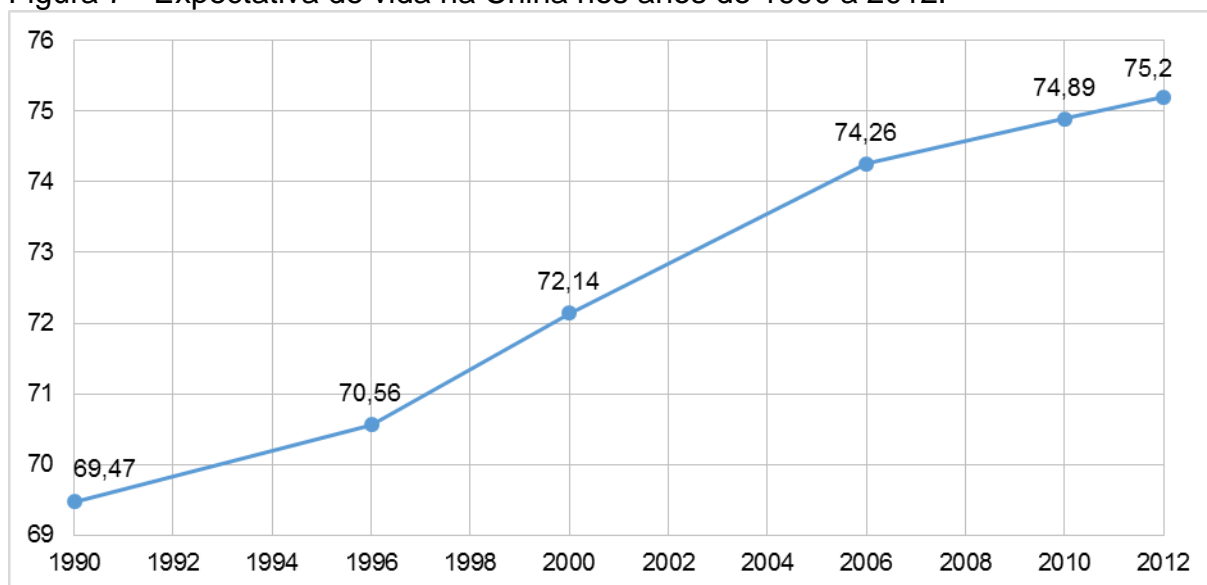
O gráfico apresentado na figura 6 mostra que a partir do ano de 1991 em diante, com a melhora no desenvolvimento econômico a taxa de desemprego na china sofreu quedas ao logo dos anos chegando a 4,1% em 2005, e após esse ano, aliado ao crescimento da população, a taxa de desemprego voltou a aumentar chegando a 4,5% em 2012.

Tabela 11 - Expectativa de vida na China do ano de 1990 a 2012.

ANO	Expectativa de vida
1990	69,47
1996	70,56
2000	72,14
2006	74,26
2010	74,89
2012	75,20

Fonte: World Bank (2013).

Figura 7 - Expectativa de vida na China nos anos de 1990 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

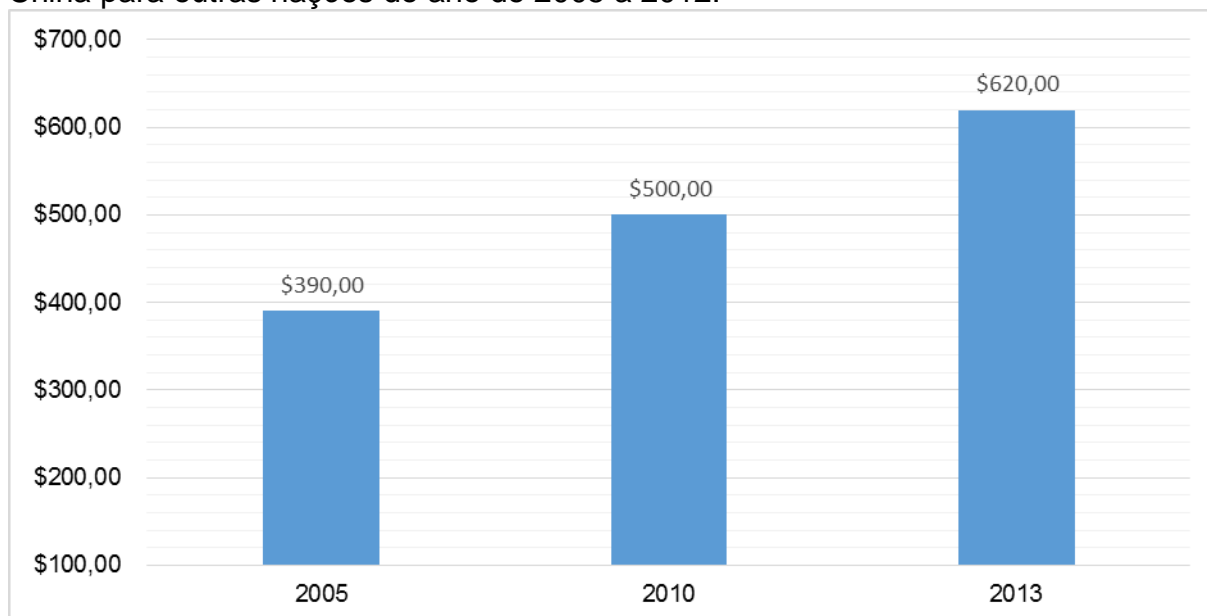
A figura 7 demonstra que, acompanhado do crescimento econômico do país, a expectativa de vida da população também vem crescendo ao longo dos anos, sendo que em 1990 a expectativa de vida era 69,47 anos e em 2012 essa média subiu para 75,20 anos, demonstrando que o país também está se desenvolvendo socialmente, principalmente no que diz respeito ao setor de saúde, como refere-se a figura 7.

Tabela 12 - Custo por contêiner para exportar mercadorias da China para outras nações do ano de 2005 a 2012.

ANO	Custo para exportar (US\$ por contêiner)
2005	\$ 390,00
2010	\$ 500,00
2013	\$ 620,00

Fonte: World Bank (2013).

Figura 8 - Gráfico mostrando o custo por contêiner para exportar mercadorias da China para outras nações do ano de 2005 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

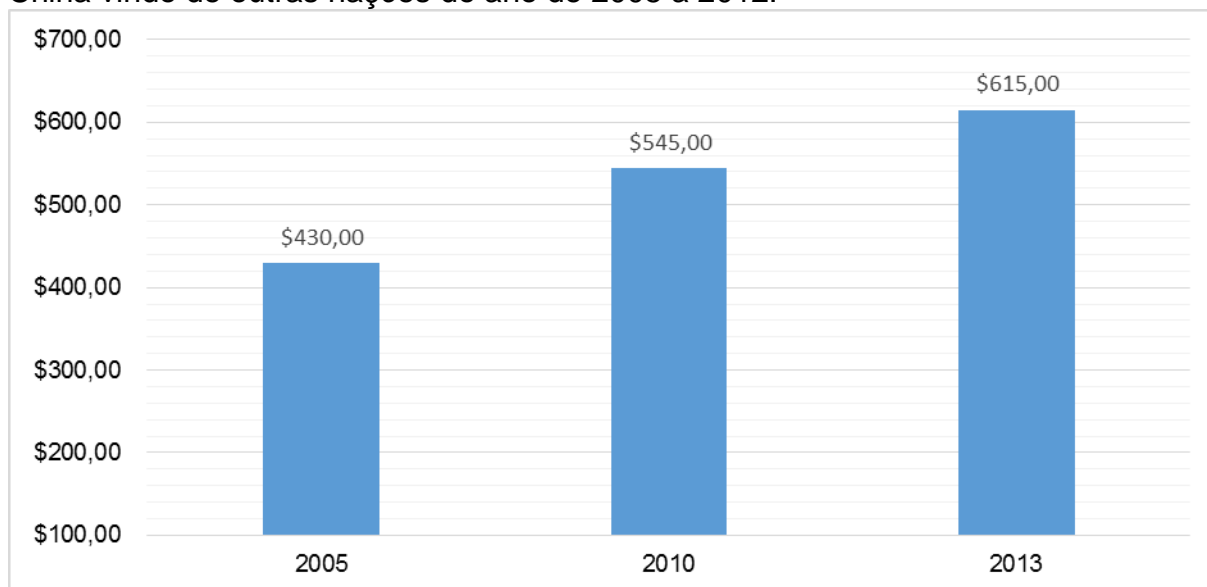
A figura 8 apresenta uma estimativa de gastos que um exportador possui por contêiner, para enviar a sua carga para outras nações. Observando esse gráfico percebe-se um dos motivos que levou a China à sua ascensão econômica, pois enquanto que na china para se exportar uma carga em um contêiner gastava-se US\$ 620,00 em 2013, no Brasil observando o mesmo ano de referência gastava-se US\$ 2.215,00 por contêiner segundo dados do banco mundial.

Tabela 13 - Custo por contêiner para importar mercadorias para a China vindo de outras nações do ano de 2005 a 2012.

ANO	Custo para importar (US\$ por contêiner)
2005	\$ 430,00
2010	\$ 545,00
2013	\$ 615,00

Fonte: World Bank (2013).

Figura 9 - Gráfico mostrando o custo por contêiner para importar mercadorias para a China vindo de outras nações do ano de 2005 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

Se analisarmos as ilustrações 8 e 9 em conjunto poderemos observar um dos motivos que levam a China a possuir uma balança comercial superavitária ano após ano e também um PIB elevado. Nota-se que desde o ano de 2005, na China, tona-se mais barato exportar do que importar, se levarmos em consideração os valores médios por contêiner apresentados nas tabelas 12 e 13.

A igualdade de custos entre essas duas formas de comercia so foi alcançada em meados de 2013, quando que, para exportar o custo médio por contêiner era de US\$ 620,00 enquanto para se importar o custo médio por contêiner era de US\$ 615,00. Portanto tornou-se mais barato importar do que exportar mercadorias.

Tabela 14 - Assinantes de serviço de Internet de banda larga fixa na China do ano de 1998 a 2012

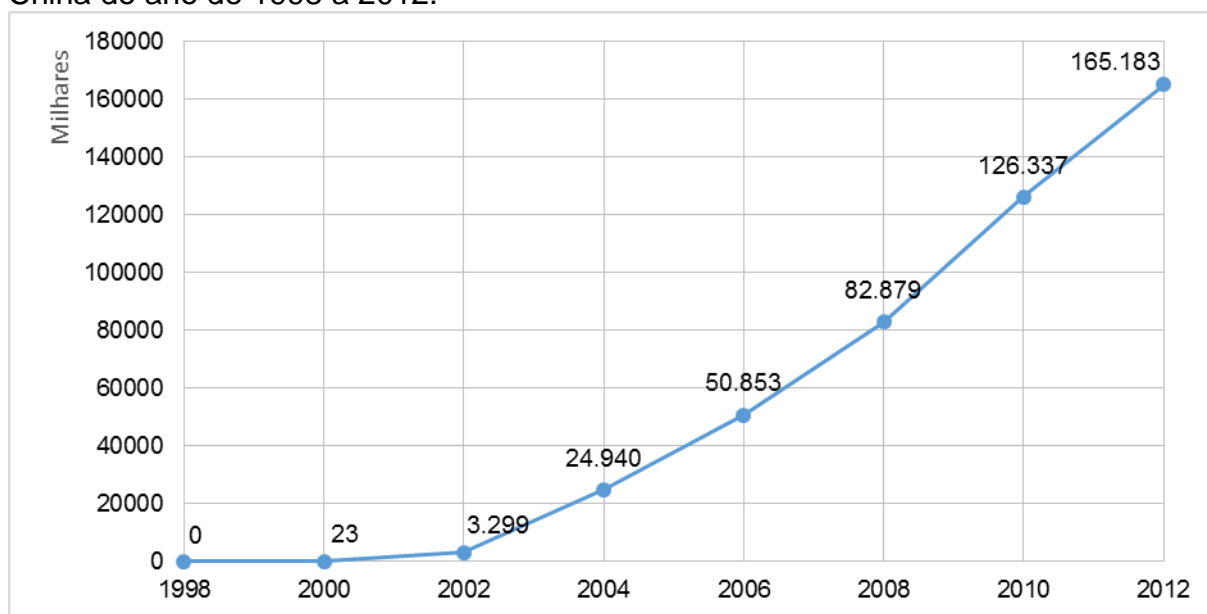
ANO	Assinantes de serviço de Internet de banda larga fixa
1998	0
2000	22.660
2002	3.298.500
2004	24.939.600
2006	50.853.000
2008	82.879.000
2010	126.337.000

Continuação.

ANO	Assinantes de serviço de Internet de banda larga fixa
2012	165.183.000

Fonte: World Bank (2013).

Figura 10 - Gráfico dos assinantes de serviço de Internet de banda larga fixa na China do ano de 1998 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

A figura 10 nos mostra o grande passo em relação ao desenvolvimento social e tecnológico que a China conquistou nos últimos 16 anos. A partir da sua abertura de mercado e do seu crescimento econômico a China viu-se obrigada a adotar a tecnologia para fomentar o seu próprio crescimento, por isso a partir do ano 2000, o número de assinantes de internet banda larga, que era de 22.660 assinantes, começou a crescer em larga escala.

No ano de 2012 com a indústria de tecnologia e telecomunicações em uma onda de crescimento a China atingiu a marca de 165.183.000 assinantes de internet banda larga. Mesmo o país censurando e controlando alguns dos conteúdos que são acessados na internet pela sua população, esse crescimento tecnológico pode ser considerado um marco histórico para o país.

Tabela 15 - Porcentagem da população total chinesa que vive no meio rural do ano de 1990 a 2012.

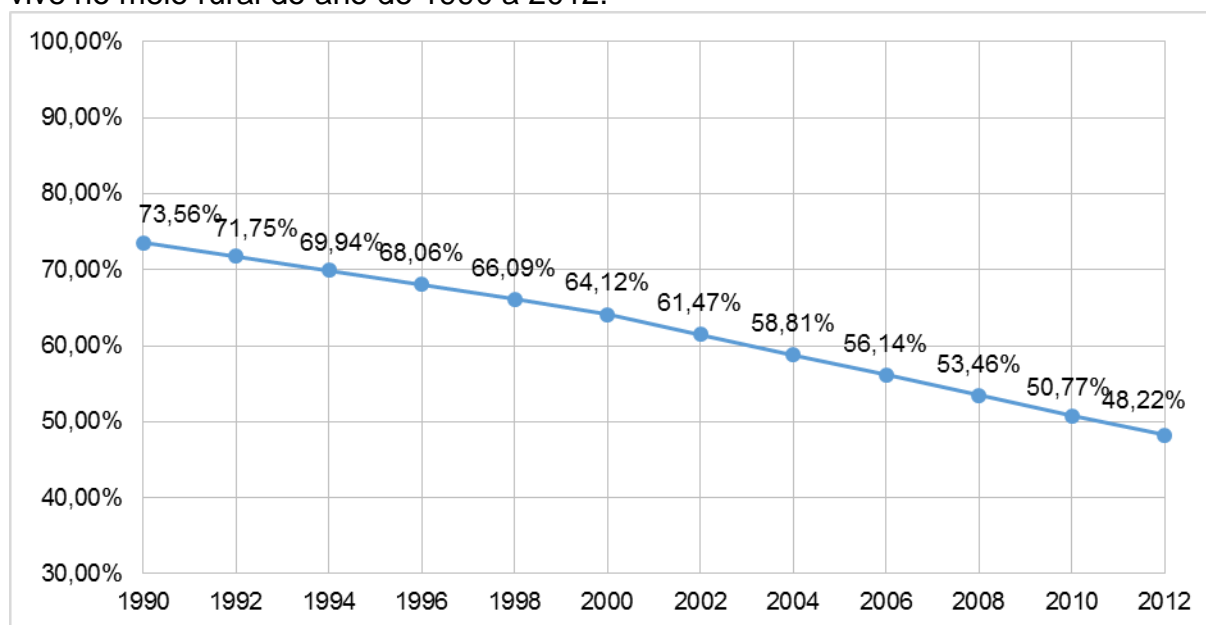
ANO	População rural (% do total)
-----	------------------------------

Continuação.

ANO	População rural (% do total)
1990	73,56%
1992	71,75%
1994	69,94%
1996	68,06%
1998	66,09%
2000	64,12%
2002	61,47%
2004	58,81%
2006	56,14%
2008	53,46%
2010	50,77%
2012	48,22%

Fonte: World Bank (2013).

Figura 11 - Gráfico demonstrando a porcentagem da população total chinesa que vive no meio rural do ano de 1990 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

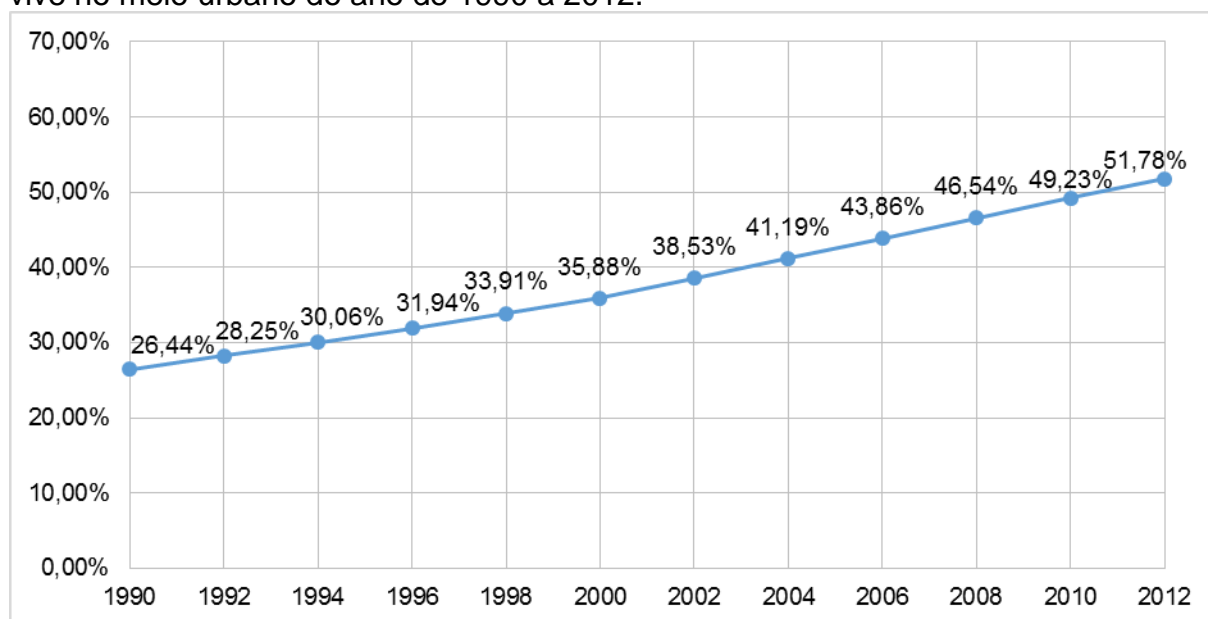
A figura 11 demonstra o quanto o crescimento econômico da China afetou a sua população e ao mesmo tempo se tornou um dos motivos para tal expansão, pois nos apresenta a porcentagem de sua população total que saiu do meio rural para povoar as zonas urbanas. Em 1990 essa porcentagem da população representava 73,56%, e após alguns anos de desenvolvimento e expansão essa porcentagem em 2012 chegou a 48,22%.

Tabela 16 - Porcentagem da população total chinesa que vive no meio urbano do ano de 1990 a 2012.

ANO	População urbana (% do total)
1990	26,44%
1992	28,25%
1994	30,06%
1996	31,94%
1998	33,91%
2000	35,88%
2002	38,53%
2004	41,19%
2006	43,86%
2008	46,54%
2010	49,23%
2012	51,78%

Fonte: World Bank (2013).

Figura 12 - Gráfico demonstrando a porcentagem da população total chinesa que vive no meio urbano do ano de 1990 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

As ilustrações 11 e 12 completam uma a outra, pois ao mesmo tempo que a população deixa o campo, a mesma ruma em direção ao meio urbano. Pode-se notar que a cada ano que se passa mais pessoas seguem para os grandes centros, pois em virtude do crescimento econômico a população absorve uma parcela em

forma de desenvolvimento social que costuma ser aplicado primeiramente no meio urbano para depois chegar as zonas rurais.

Também é possível observar que a linha de migração da população para as grandes cidades segue a linha do crescimento econômico chinês, que em fruto da sua abertura de mercado e expansionismo econômico necessitava de mão de obra para fomentar a economia em progresso. Por um lado o país possui oferta de trabalho em abundância e surgindo cada vez mais postos de trabalho, e do outro, a população rural migrava sem o conhecimento necessária para o desenvolvimento de tecnologia mas em abundância para ocupar postos em variadas linhas de produção, e a um custo de mão de obra barato que se tornou referência no mundo inteiro.

Tabela 17 - China: Exportações de alta tecnologia do ano de 1992 a 2012.

ANO	Exportações de alta tecnologia (US\$)
1992	\$ 4.303.300.000,00
1994	\$ 8.258.800.000,00
1996	\$ 15.822.000.000,00
1998	\$ 24.639.500.000,00
2000	\$ 41.735.500.000,00
2002	\$ 69.226.400.000,00
2004	\$ 163.007.000.000,00
2006	\$ 273.131.500.000,00
2008	\$ 340.117.800.000,00
2010	\$ 406.089.700.000,00
2012	\$ 505.645.700.000,00

Fonte: World Bank (2013).

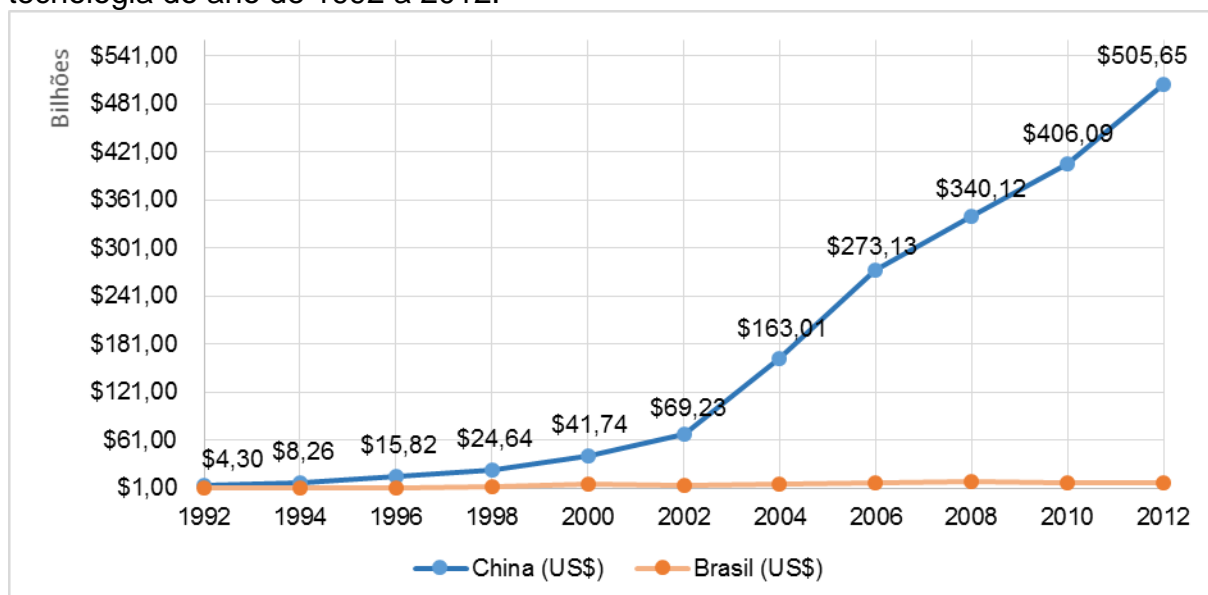
Tabela 18 - Brasil: Exportações de alta tecnologia do ano de 1992 a 2012.

ANO	Exportações de alta tecnologia (US\$)
1992	\$ 1.007.300.000,00
1994	\$ 1.097.100.000,00
1996	\$ 1.575.300.000,00
1998	\$ 2.609.800.000,00
2000	\$ 5.990.400.000,00
2002	\$ 5.223.600.000,00
2004	\$ 5.953.900.000,00
2006	\$ 8.418.100.000,00
2008	\$ 10.285.600.000,00
2010	\$ 8.121.900.000,00
2012	\$ 8.820.300.000,00

Continuação.

Fonte: World Bank (2013).

Figura 13 - Gráfico comparativo entre Brasil e China das exportações de alta tecnologia do ano de 1992 a 2012.



Fonte: World Bank (2013).

A partir do gráfico comparativo na figura 13, podemos perceber uma das grandes diferenças entre Brasil e China. Enquanto na China cada vez mais as exportações de alta tecnologia aumentam, no Brasil esse item se mantém estagnado, com mínimas variações ao longo dos anos.

Por ser um país com abundância de mão de obra barata a China atrai inúmeros investidores ao seu território, desse modo com os custos de produção baixos e com muitas empresas exportando esse indicador cresce rapidamente a cada ano, e influencia no desenvolvimento social e tecnológico positivamente.

Já o Brasil que vê seu crescimento tecnológico se desenvolver a base de importações, perde uma parcela importante do mercado mundial que são os bens de tecnologia, deixando assim de se consolidar tanto no mercado nacional quanto no internacional por falta de investimento em pesquisas.

4 CONCLUSÃO

Este trabalho teve como objetivo geral uma análise dos fatores que contribuíram para que a China alcançasse o posto de segunda maior economia mundial atualmente. Analisando a pesquisa feita com base em livros, artigos e também dados de instituições financeiras pode-se concluir que esse objetivo foi concluído, pois se entende que uma série de fatores contribuíram para esse crescimento.

Dentre os objetivos específicos está o estudo dos fatores preponderantes para o crescimento econômico chinês. Baseado nesse objetivo pode-se chegar a uma conclusão parcial do mesmo, pois como observado ao decorrer do estudo não existe apenas um fator responsável por esse crescimento econômico, mas sim um conjunto de fatores que tiveram influência determinante.

Analisando os fatores determinantes para o crescimento econômico podemos destacar o número de habitantes da China que a cada ano continua crescendo, sendo que essa população migra cada vez mais para as grandes cidades, contribuindo para o desenvolvimento tecnológico. Com o número elevado de habitantes a mão de obra se torna barata, diminuindo assim os custos de produção dos bens, que com a abertura de mercado ao longo dos anos 90, são exportados em abundância para todos os cantos do globo.

O segundo objetivo específico procura analisar o quanto eficiente é o processo de internacionalização da China. Do ponto de vista apenas do crescimento econômico, pode-se concluir que a China foi extremamente eficiente, pois após a abertura de mercado o seu PIB cresce a taxas invejáveis a qualquer outra nação ao longo dos anos, e devido às exportações o país adquiriu uma reserva cambial que mantém protegida a moeda nacional mesmo com oscilações no resto do mundo.

Entretanto existe um outro lado desse crescimento desenfreado que primeiramente envolve o trabalho infantil e escravo, pois a cada ano que passa inúmeras são as denúncias de empresas que montam suas fabricas em território chinês, buscando um baixo custo operacional e de mão de obra, porém utilizam de métodos ilegais e exploratórios para alimentar suas produções aproveitando-se das flexíveis e negligentes leis trabalhistas que o país possui.

Existe também um ponto que trata-se de como o capital ganho é reinvestido na população, pois o país utiliza um modelo de socialismo de mercado que lhe permite exportar e importar produtos, porém o estado possui um amplo controle nessas operações. Com o grande acúmulo de capital a população espera por maiores investimentos em infraestrutura e melhoras no desenvolvimento social.

O último objetivo específico tenta procurar algo nessa análise que possa ser usado por países que emergentes, que estão com a sua economia em constante crescimento mas não ao mesmo ritmo chinês. Levando em consideração o que foi estudado, um dos pontos a ser aplicado em outras nações seria a diminuição nas tarifas para exportação que ajudaria a alavancar a economia desses países.

Outro ponto importante seria baratear os custos de produção, porém esse fator é um dos principais motivos da alavancagem na China pois existe uma mão de obra barata, quando a mesma não é escrava, sendo que no país não existem leis trabalhistas tão rigorosas.

Um método a ser aplicado pelo Brasil seriam leis de incentivo fiscal para que empresas de tecnologia internacionais começassem a produzir seus bens em território nacional, assim o país poderia aproveitar um pouco do conhecimento para ser aplicado na própria produção nacional e começar a exportar tecnologia, que nos dias atuais são um dos produtos mais valorizados no mundo.

Sendo assim conclui-se que esse é um assunto ainda pouco explorado por ser um fenômeno ainda recente, mas que merece ter seus estudos explorados e aprofundados de vários ângulos diferentes, aplicando os conhecimentos obtidos em diferentes nações, ou até mesmo para melhorar os resultados obtidos no estudo apresentado.

REFERÊNCIAS

BREVIDELLI, Maria Meimei; SARTÓRIO, Sonia Cristina Masson. **TCC - Trabalho de conclusão de curso**: guia prático para docentes e alunos da área da saúde. São Paulo: Látia, 2010.

Cia. **COUNTRY COMPARISON: RESERVES OF FOREIGN EXCHANGE AND GOLD**. 2013. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2188rank.html>>. Acesso em: 14 maio 2014.

CHINA: Reforma traz benefício ao país e ao mundo. 2012. Disponível em: <http://port.pravda.ru/busines/03-11-2012/33913-china_reforma-0/>. Acesso em: 25 mar. 2014.

COSTA, Ana Clara. **Emergentes conduzem crescimento econômico e social do mundo, aponta Pnud**. 2013. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/economia/emergentes-conduzem-crescimento-economico-e-social-do-mundo-aponta-pnud>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

CUNHA, André Moreira et al. Impactos da Ascensão da China Sobre a Economia Brasileira: Comércio e Convergência Cíclica. **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 3, p.406-440, 01 dez. 2011.

DIAS, Margarida Maria Pinheiro Godinho. **A China no Séc. XXI**: a evolução do sistema bancário e o futuro das reformas econômicas. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Economia e Gestão, 2004.

EFE. **Inflação na China cai para 1,8% em abril, o menor índice em 18 meses**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/05/inflacao-na-china-cai-para-18-em-abril-o-menor-indice-em-18-meses.html>>. Acesso em: 15 maio 2014.

EPOCH TIMES. **O enigma das reservas cambiais da China**. 2013. Disponível em: <<http://www.epochtimes.com.br/o-enigma-das-reservas-cambiais-da-china-2/#.U3VucPldWAU>>. Acesso em: 13 maio 2014.

FERREIRA, Samantha; XAVIER., Clésio Lourenço. Fluxos de investimento direto externo, competitividade e conteúdo tecnológico do comércio exterior da China no início do século XXI. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 3, p.491-510, 01 set. 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1994. 207 p.

KAUFFER, Rémi; XIAOPING, Deng. **O arquiteto do milagre chinês O pragmático sucessor de Mao Tsé-tung mudou os rumos do socialismo em seu país e traçou o projeto de desenvolver a China por meio da liberalização econômica**

sem democracia. Disponível em:

<http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/deng_xiaoping_-_o_arquiteto_do_milagre_chines.html>. Acesso em: 14 out. 2013.

LIBÂNIO, Gilberto. Quem tem Medo da China? Análise e Implicações para os Principais Estados Brasileiros. **Revista de Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n.3, p.259-286, ago. 2012.

NONNENBERG, Marcelo José Braga. China: Estabilidade e crescimento econômico. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 30, n. 2, p.201-218, jun. 2010.

_____. **Inflação na China desacelera para 2% em fevereiro.** 2014. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,inflacao-na-china-desacelera-para-2-em-fevereiro,179173,0.htm>>. Acesso em: 16 maio 2014.

O ESTADO DE SÃO PAULO. **PIB do País fecha 2012 com crescimento de 0,9%, o menor em 3 anos.** 2013. Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/economia-geral,pib-do-pais-fecha-2012-com-crescimento-de-0-9-o-menor-em-3-anos,145637,0.htm>>. Acesso em: 14 maio 2014.

OLIVEIRA, Carlos Tavares de. **Comercio Internacional: China, EUA e Portos.** São Paulo: Aduaneiras, 1999.

_____. **China: O que é preciso saber.** São Paulo: Aduaneiras, 2004.

PARRA FILHO, Domingos; SANTOS, João Almeida. **Apresentação de trabalhos científicos: Monografia, TCC, teses e dissertações.** São Paulo: Futura, 2000.

PAUTASSO, Diego. **O lugar da China no comércio exterior brasileiro.** Rio de Janeiro: Meridiano, 2010.

POCHMANN, Marcio. **A China na Nova Configuração Global: Impactos Políticos e Econômicos.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/digital/publica_005.html>. Acesso em: 04 ago. 2013.

_____. **A febre do estudo no exterior entre os estudantes chineses.** 2012. Disponível em: <<http://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/international-higher-education/a-febre-do-estudo-no-externo-entre-os-estudantes-chineses>>. Acesso em: 17 maio 2014.

PORTO, Paulo C. de Sá. **Mudanças à vista na China.** 2013. Disponível em: <<http://atdigital.com.br/analiseeconomica/2013/11/17/mudancas-a-vista-na-china/>>. Acesso em: 25 mar. 2014.

QIAN, Wang; FANG, Yang. **Dados econômicos da China mostram inflação e retração do crescimento.** 2013. Disponível em: <http://www.epochtimes.com.br/dados-economicos-da-china-mostram-inflacao-e-retracao-do-crescimento/#.U3Vqs_IdWAU>. Acesso em: 15 maio 2014.

RODRIGUES, Prof. William Costa. **Metodologia Científica**. Paracambi: Faetec/ist, 2007. Disponível em: <[http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/etch/64878127/Willian Costa Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf](http://pesquisaemeducacaoufrgs.pbworks.com/w/file/etch/64878127/Willian%20Costa%20Rodrigues_metodologia_cientifica.pdf)>. Acesso em: 23 nov. 2013.

RODRIGUES, Dani. Abrindo espaço para a China na economia mundial. **Novos Estudos Cebrap 89**, São Paulo, v. 100, n. 2, p.59-68, 01 maio 2010. Tradução: Fernando Rugitsky. Publicado originalmente em *American Economic Review: Papers & Proceedings*.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Mcgraw-hill, 2006.

SANTOS, Daniela Tatiane Dos; BATALHA, Mário Otávio; PINHO, Marcelo. A evolução do consumo de alimentos na china e seus efeitos sobre as exportações agrícolas brasileiras. **Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p.333-358, ago. 2012.

SHENKAR, Oded. **O século da China**: a ascensão chinesa e o seu impacto sobre a economia mundial, o equilíbrio do poder e o (dê)emprego de todos nós. Trad. Janaína Ruffoni. Porto Alegre: Bookman, 2005.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Apresentação do trabalho científico**: um enfoque didático da produção científica. São Paulo: E.p.u., 2001.

WANG, Aileen; YAO, Kevin. **Inflação na China atinge mínima de 7 meses**. Disponível em: <<http://exame.abril.com.br/economia/noticias/inflacao-na-china-atinge-minima-de-7-meses>>. Acesso em: 15 maio 2014.

YUEH, Linda. **Como a China gasta suas reservas bilionárias?** 2013. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/05/130529_china_reservas_pai.shtml>. Acesso em: 13 maio 2014.

ZITAN, Gao. **Crescimento do PIB chinês é o menor em 13 anos**. 2013. Disponível em: <<http://www.epochtimes.com.br/crescimento-do-pib-chines-e-o-menor-em-13-anos/#.U3VvxvldWAU>>. Acesso em: 14 maio 2014.